

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Março-Abril de 2008



Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

T A T U I

**Capacitados
para servir**

O propósito dos
dons espirituais

**Pastoreando
no deserto**

Lições extraídas da
experiência de Moisés

A Trindade e o adventismo

Como o trinitarianismo se desenvolveu
na Igreja Adventista



James A. Cress

Secretário ministerial
da Associação Geral da
IASD

O jogo dos números

Em seu livro *Leading Your Church to Growth* [Levando Sua Igreja a Crescer], Peter Wagner descreve o encontro que teve com um indivíduo que lhe manifestou desgosto relacionado à consideração aos números no trabalho pastoral. “Minha Bíblia diz que devo alimentar as ovelhas, não contá-las”, disse ele.

Posteriormente, Wagner leu o livro de Phillip Keller, intitulado *A Shepherd Looks at Psalm 23* [Um Pastor, Segundo o Salmo 23]. Keller, um criador profissional de ovelhas, diz que “para um pastor cuidadoso, é essencial examinar seu rebanho todo dia, contando-o, para assegurar-se de que todas as ovelhas estejam bem”. Então, Wagner concluiu que “contar as ovelhas é uma parte tão natural da vida pastoral que Jesus quis que Seus seguidores soubessem disso. É bíblico alimentar as ovelhas, assim como é bíblico contá-las”.

Na verdade, a única maneira pela qual o Bom Pastor ficou sabendo que uma ovelha se havia extraviado das demais foi contando-as até chegar ao número 99. Peter Wagner comenta: “O próprio Deus faz contas. Ele tem contados os cabelos da cabeça de todas as pessoas. Quando alguém, pela fé, aceita a Cristo, tem o nome escrito no livro da vida do Cordeiro. Mesmo a menor de Suas criaturas é importante no Céu e é individualmente reconhecida. Existe alegria no Céu por um pecador que se arrepende (Lc 15:7), de modo que todos devem ser mantidos registrados.”

“Segundo percebo, as pessoas que se opõem aos números normalmente estão tentando evitar a superficialidade no compromisso cristão. ... Eu estou vitalmente interessado em não perder homens e mulheres que, pela fé, nasceram de novo em Cristo Jesus. Estou interessado em verdadeiros discípulos que tomam sua cruz diariamente e seguem a Jesus. Estou interessado em súditos do reino que fazem de Cristo o seu Senhor. Estou interessado em indivíduos cheios do Espírito, pessoas que experimentaram Seu poder e utilizam os dons espirituais recebidos. Estou interessado em crentes responsáveis que continuam perseverando ‘na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações’ (At 2:42), como faziam os crentes da igreja de Jerusalém. Quando os números representam esse tipo de pessoas, eles são

mais que mero ‘jogo de números’. Na verdade, se tornam um jogo de vida ou morte, tempo ou eternidade.”

Quando Cristo ordenou que Seus discípulos fossem a todo o mundo e fizessem discípulos, Ele estava pensando em números – a quantidade de indivíduos que se tornariam discípulos. E, aos críticos, Bailey Smith tem uma resposta apropriada: “Não nos esqueçamos de que todos os números são múltiplos de um. Cem é uma centena de um. Mil é um milhar de um. Assim, é possível estar sinceramente preocupado com cada um de cem ou mil. Necessitamos nos preocupar com todos.”

Na grande comissão, está claro que a igreja deve multiplicar-se, não simplesmente manter-se. O livro de Atos é a história do crescimento da igreja, e isso nos fala de números. “Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas” (At 2:41). “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:47). “Muitos... aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil” (At 4:4). “E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto de homens como mulheres” (At 5:14). “Crescia a Palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos, também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6:7). “A igreja... crescia em número” (At 9:31). “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (At 11:21). “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (At 16:5). A mensagem é óbvia. Se a igreja deve estar interessada no que Jesus estava, também terá interesse em números de pessoas atraídas para Seu reino.

De acordo com Tom Stebbins, “alguém sugeriu que, antes de podermos ganhar uma pessoa para Cristo, devemos ganhá-la para nós mesmos. Partilhar o evangelho é algo muito pessoal. Estamos invadindo as áreas mais privativas da vida de uma pessoa. Assim, primeiramente, devemos ganhar a confiança dessa pessoa, e construir algum lastro de amizade”.

Portanto, nossos métodos evangelísticos devem transformar descrentes em amigos, amigos em crentes, e crentes em discípulos. Sim, grande número de discípulos.

*“É bíblico alimentar
as ovelhas,
assim como é bíblico
contá-las”*



Foto: William de Moraes

Na vereda dos justos

No início de 1850, uma questão causou incômodo nas fileiras adventistas: Era lícito, ou não, alimentar-se de carne suína? Determinado a colocar um ponto final na polêmica, Tiago White publicou, em novembro daquele ano, uma pesquisa fundamentada em Atos 10 e outras passagens bíblicas. Nessa publicação, ele defendia a ingestão de carne de porco como sendo perfeitamente aceitável na era cristã (*The Present Truth*, 11/1850).

Contudo, seus argumentos não encerraram o assunto, e alguns irmãos continuaram reprovando o uso desse tipo de alimento pelos adventistas. Em 21/10/1858, Ellen White os aconselhou: “Vi que suas idéias sobre a carne de porco não seriam prejudiciais se vocês as retivessem para si mesmos, mas, em seu julgamento e opinião, os irmãos têm feito dessa questão uma prova. ... Se for dever da igreja abster-se da carne de porco, Deus o revelará isso a mais do que duas ou três pessoas.” Insistir em polemizar sobre o assunto, ela argumentou, resultaria em “confusão e discórdia nas fileiras” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 206, 207).

Passados cinco anos, depois de receber a visão sobre reforma de saúde, ela escreveu: “O porco, se bem que um dos artigos mais comuns no regime alimentar, é um dos mais prejudiciais. Deus não proibiu os hebreus de comerem carne de porco meramente para mostrar Sua autoridade, mas porque ela não era artigo de alimentação apropriado para o homem. ... Deus nunca destinou o porco para ser comido sob quaisquer circunstâncias” (*Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 417).

Atualmente, há quem avalie essa mudança de postura como sendo demonstração de inconsistência doutrinária e fragilidade do dom profético entre os adventistas. Engano. Na verdade, esse é um exemplo de desenvolvimento progressivo, bem de acordo com o passo a passo dos justos na compreensão das verdades bíblicas: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18).

Ellen White foi clara ao afirmar que “deve haver um desenvolvimento da compreensão, pois a verdade é passível de constante expansão. ... Nossa exploração da verdade é incompleta. Temos alcançado apenas uns poucos raios de luz” (Carta a P. T. Magan, 27/01/1903; ver *Em Busca de Identidade*, p. 19). Desse modo, ela deixou claro que o conhecimento da verdade é dinâmico e progressivo.

É sob tal pressuposto que devemos avaliar o estabelecimento das crenças fundamentais da igreja, entre as quais se inclui a Trindade. Embora seja verdade que, nos primórdios do movimento, os pioneiros tomaram posição contrária, o passar do tempo testemunhou uma inversão do pensamento adventista sobre essa doutrina. Ainda existem pontos obscuros; porém, se nos mantivermos na vereda dos justos, nossa compreensão do assunto será iluminada, mesmo que tenhamos de esperar pela eternidade, quando todos os mistérios nos serão desvendados.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 79 – Número 02 – março/abril 2008
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Ilustração de Thiago Lobo

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Colaboradores Especiais:

Ranieri B. Sales; James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Montano de Barros Netto
José Soares da Silva Jr.; Horacio Cairus;
Francisco Carlos Bussons da Silva;
Ivanaudo Barbosa de Oliveira; Valdilho Quadrado;
Samuel Jara; Patricio Barahona; Ivancy Araujo;
Edwin Regalado Lozano; Feliz Santamaria

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares 5880/18682

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

- 10 UM PASTORADO ESPECIAL**
Capelão escolar fala de seu trabalho com adolescentes e jovens.
- 12 CAPACITADOS PARA SERVIR**
O propósito dos dons espirituais, o preparo e o meio para recebê-los.
- 15 PASTOREANDO NO DESERTO**
Lições extraídas da experiência de Moisés, à frente dos israelitas.
- 17 A TRINDADE E O ADVENTISMO**
Como os pioneiros desenvolveram sua compreensão do trinitarianismo.
- 21 EVANGELISMO ALÉM DA AMIZADE**
Estratégia para evangelizar a sociedade pós-moderna sem comprometer a verdade.
- 24 SUA IGREJA NO RUMO CERTO**
Fórmula para envolvimento mais eficaz na missão.
- 26 A MENSAGEM CENTRAL DO SANTUÁRIO**
O Juízo Pré-Advento é a oportunidade para aplicação do evangelho em nossa vida.
- 30 ESPERANÇA QUE CONFUNDE**
Uma análise da encíclica papal intitulada *Spe Salvi*.

pág. 26



Ilustração: Thiago Lobo

"Quer você esteja no púlpito, fazendo compras, dirigindo o automóvel ou descansando no lar, você representa Deus. Portanto, a santidade de Deus deve ser a característica da nossa vida."

Felix Vecchiarelli

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Conte com esta força



Baraka Muganda



Jonatan Tejel



Hiskia Missah

“Os jovens têm verdadeira paixão pela missão, não querem ser apenas espectadores; e nós, como líderes, precisamos encontrar o caminho certo para envolvê-los”

por Willie Hucks e Paul Mwansa

O Ministério Jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia é centenário e o ano passado foi de celebração em todo o mundo. Do humilde começo, em 1907, em Gland, Suíça, o departamento abriga uma potência que não pode ser ignorada no contexto missionário da igreja. “Os jovens têm um incontrolável anseio, verdadeira paixão, de se envolver na missão”, diz o líder mundial pastor Baraka Muganda. Por essa razão, dizer-se, hoje, que a juventude representa a igreja do futuro soa anacrônico. Ela é a igreja do presente em termos quantitativos e qualitativos.

Sendo este um segmento denominacional que requer cuidados especiais dos pastores, Willie Hucks, editor associado de *Ministry*, e o estagiário Paul Mwansa entrevistaram o pastor Muganda e seus associados na liderança do Ministério Jovem: pastores Jonatan Tejel e Hiskia Missah.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

Ministério: *Que responsabilidades cada um dos senhores desenvolve no departamento de Jovens?*

Baraka: Sou o diretor do departamento, e sou responsável por desenvolver estratégias para o ministério jovem mundial, fazendo-as funcionar em harmonia com as outras áreas da igreja, tendo em vista o cumprimento da missão. Ao lado disso, desenvolvo e coordeno programas de liderança jovem, realizo seminários e traço planos, juntamente com outros líderes. Precisamos estar seguros de que todos nós marchamos unidos, na direção dos alvos do departamento.

Missah: Meu trabalho está direcionado para os jovens adultos. Atualmente tentamos implantar um novo programa – o Clube de Embaixadores – para jovens que deixaram os desbravadores, mas ainda são intermediários (entre 16 e 21 anos). Eles são muito ativos, gostam de realizar projetos comunitários, participar de congressos, festivais, e de

trabalhar com jovens da mesma idade. Há, também, o “Projeto Elias”, que integra os jovens no evangelismo. No ano passado, por exemplo, aproximadamente noventa mil pessoas foram batizadas como fruto do trabalho dos jovens.

Tejel: Minha área de ação está restrita aos Desbravadores e Aventureiros, além da produção da revista trimestral do departamento. Viajo pelo mundo, participando de camporis e outras atividades dos dois grupos. É uma experiência maravilhosa, porque dá oportunidade de conhecer as particularidades de cada Campo.

Ministério: *O que o senhor ouve dos jovens, nesses camporis? Quais são as expectativas e preocupações deles?*

Tejel: Isso varia de um país para outro. Em alguns casos, eles perguntam sobre doutrinas, guarda do sábado, música. É interessante e necessário ouvi-los, porque cada um tem uma preocupação diferente. Mas, no fim, todos

eles se encontram no mesmo lugar, ou na mesma pessoa: Cristo Jesus.

*“Nossos jovens
não são rebeldes.
Tudo o que eles
querem é atenção”*

Baraka: É verdade. Todos os jovens têm os mesmos problemas, e eu sempre digo que não existem demônios africanos, europeus ou sul-americanos. Nossos jovens são perseguidos pelos mesmos demônios. A única diferença é o ambiente, porque o mundo hoje se tornou uma aldeia global. Os jovens vêem os mesmos filmes, em Nairobi, Chicago, Paris ou no Rio de Janeiro. Eles cantam os mesmos cânticos. Eu estava em uma pequena ilha em Samoa e, durante um programa, perguntei quem conhecia Jennifer Lopez. Todos levantaram a mão, sinalizando “sim”. Os jovens têm os mesmos problemas em qualquer lugar do mundo. Acontece a mesma coisa em relação à moda. O que nossos jovens querem é atenção. A razão pela qual eles se vestem diferente não é porque sejam rebeldes, ou não gostem da igreja. Eles querem ser notados. Existem as questões das drogas, bebida alcoólica e sexo pré-marital. Como líderes, precisamos redirecionar essas questões, mostrando-lhes que temos a resposta para elas. Por isso, estamos aqui. Tenho percebido que, em todo o mundo, os jovens querem servir. Muitos deles são ótimos pregadores e fazem evangelismo em todas as partes do mundo, em seu próprio estilo. Outros se dedicam a projetos comunitários. O fato é que muitas pessoas têm sido levadas a Cristo pelo trabalho deles. Enquanto eles participam, sua própria vida é transformada. Eles têm verdadeira paixão pela missão, não querem ser apenas espectadores; e nós, como líderes, precisamos encontrar o caminho certo para envolvê-los.

Ministério: *Passados cem anos de*

ministério jovem, como o senhor avalia o crescimento desse setor na igreja?

Baraka: O ministério jovem tem tocado muitas vidas, não apenas dos jovens, mas também de adultos, líderes da igreja. Muitos de nós estamos na igreja por causa dos Desbravadores. Temos produzido líderes, desenvolvido cristãos fortes, porque o ministério jovem está nutrindo os jovens e envolvendo-os na missão da igreja. Ao longo desses cem anos, história após história, de todos os rincões do mundo, mostra o impacto causado pelo ministério jovem na vida dos membros da igreja, tanto no sentido espiritual, como no social e físico também. Pesquisas têm mostrado que, quando os jovens são envolvidos nesse ministério, eles permanecem na igreja. Quando não são envolvidos, desanimam. Assim, os cem anos representaram uma celebração do que o Senhor tem feito por nós, bem como foi uma oportunidade para renovar nosso compromisso e dedicação de nós mesmos, visando ao futuro. Durante as comemorações, os jovens foram envolvidos em programações evangelísticas, concertos musicais, projetos comunitários e outras atividades, com o objetivo de tornar o ministério jovem conhecido pelas diversas comunidades em todo o mundo.

Ministério: *Qual é a maior recomendação ou satisfação que cada um dos senhores tem experimentado no trabalho com os jovens?*

Missah: Há um ditado popular, segundo o qual, você pode ser jovem duas vezes. Se você quer ser jovem todo o tempo, a vida inteira, você precisa trabalhar com a juventude. Envolver-se com os jovens, e você sempre se sentirá como um deles.

Baraka: Para mim, uma das maiores alegrias é ver jovens entregando a vida a Jesus Cristo. Às vezes, depois de vinte anos, você encontra um deles, que lhe diz: “Eu estava naquele congresso em que você pregou”. Cita um texto do sermão, e diz: “Dei meu coração a Cristo, como resultado daquela mensagem”. Não há nada que produza maior alegria. Outra preciosa recompensa é quando um deles ingressa no pastorado e atribui a você o crédito pela decisão tomada. Em 1988, eu estava no Egito. Ali, durante um congresso, encontrei um jovem que estava concluindo o Ensino Médio. Quando nos encontramos, ele me disse: “Serei

um pregador igual a você. Estou indo para o seminário.” Atualmente, ele é diretor do Ministério Jovem no Oriente Médio. Quando vejo esse tipo de comprometimento, jovens entregando-se a Jesus, decidindo trabalhar em Sua causa, influenciados pelo trabalho de nosso departamento, fico entusiasmado.

Tejel: Outra vantagem é que, quando você trabalha no departamento de jovens e ainda é jovem, você pode compreender melhor seus próprios filhos.

Ministério: *Que conselhos os senhores dariam, não apenas aos jovens que lutam com suas dificuldades, mas aos pastores que trabalham para conservá-los na igreja?*

Baraka: Bem, considerando que esta revista é destinada a pastores e anciãos de igreja, penso que nosso pedido a eles é que procurem se envolver com os jovens. Faça cada jovem saber que você, como pastor, o ama e se importa com ele. Ministério jovem não significa apenas entretenimento para a juventude, mas conduzir cada jovem a Jesus Cristo. Lamentavelmente, vejo, em alguns lugares, pastores que não se envolvem com seus jovens: não assistem a congressos, não participam de camporis, nem dos programas de sábado à tarde. Estou certo de que os jovens serão fortalecidos com a presença do pastor. Assim, gostaria de ver, ou saber que toda igreja está proporcionando a chance para que os jovens sejam integrados à sua missão. Os pastores também necessitam pregar sermões que desafiem os jovens. Não pregue de tal maneira que eles durmam. Esse é meu apelo aos queridos pastores, incluindo a mim mesmo. Sou desafiado todas as vezes em que ocupo um púlpito. Os jovens que me ouvem são pessoas com problemas: drogas, álcool, sexo pré-marital, conflitos com os pais, fracasso nos estudos, desemprego, pressões de toda forma. Então, quando eles sentam para me ouvir, estão perguntando: “Baraka, o que você tem a nos dizer?” Pastor, eles querem e precisam ouvir o que você tem a dizer sobre os problemas que enfrentam. Assim, sua teologia deve ser simples. Seus sermões precisam se tornar simples mensagens de salvação e orientação para a juventude.

Tejel: Quando concluí meus estudos no seminário teológico, alguns de nós pensávamos que sabíamos tudo. Hoje,

o pastor precisa ser humilde, como Cristo Jesus. Ele veio aqui para servir todas as pessoas, jovens ou idosas. Nossos jovens precisam ver, diante deles, pastores humildes.

Baraka: Também é necessário que o pastor gaste tempo com os jovens, recreando com eles. Deixe que eles o vejam como um ser humano. Alguns de nós somos demasiadamente “santos” e os jovens temem pessoas “santas”. Pode ser que algumas pessoas idosas o critiquem por gastar tempo brincando com os jovens. Porém, isso é a mesma coisa de você dedicar tempo para brincar com seus filhos. Pode parecer desperdício de tempo, para alguns, mas o filho agradecerá e consolidará mais e mais a amizade com você. Repito: Pastor, dedique tempo aos jovens. De vez em quando, desça do púlpito e brinque com eles.

Missah: Dar responsabilidades aos jovens é outra necessidade. Lembro-me de quando eu era jovem e meu pai sempre me levava com ele para suas atividades missionárias. Meu trabalho era operar o projetor de slides. Você não imagina como eu me sentia: o centro das atenções. Ficava tremendamente feliz. Assim, temos que envolver nossos jovens nos diversos ministérios da igreja, de modo que eles pensem e sintam: “Sou alguém. Alguém reconhece meu valor.” Treine-os e confie neles. Mesmo que, inicialmente, não sejam capazes nem de orar como você o faz, dê-lhes tarefas para que desenvolvam seu potencial.

Ministério: *O que os jovens podem oferecer de si mesmos à igreja e à sociedade?*

Missah: Os jovens são cheios de energia e força. Pessoas idosas cansam facilmente, mas os jovens não. Dê a eles atividades para fazer, durante todo o dia e, à noite, ainda estarão despertos. Não são como nós que necessitamos de tempo para um cochilo. Dessa forma, é possível envolvê-los com facilidade. Os jovens conquistarão outros jovens. Os pastores nem sempre conseguem essa façanha. Mas, se os jovens fizerem amizades com pessoas na comunidade, eles as levarão à igreja.

Baraka: Não sei se você já percebeu, mas quanto mais idoso alguém se torna, mais interessado fica em ler obituários, para ver quem morreu, porque morreu e

com que idade morreu. Uma das seções mais lidas em muitos jornais e revistas é a seção que noticia os falecimentos. Todos os dias eu assisto ao noticiário, e vejo soldados, entre 18 e 22 anos, morrendo em conflitos no Oriente. O líder do grupo pode ter 43 anos. Isso nos diz que os jovens não temem dar a vida por alguma causa desafiadora. Em nosso caso, eles não temerão dar a vida por Deus, se tiverem oportunidade e forem utilizados na missão. Não tenho dúvida de que esta é a maior força que a igreja possui: temos mais de dez milhões de jovens adventistas, batizados, com idade inferior a 30 anos.

“Os jovens darão a vida por Deus, se tiverem oportunidade e forem envolvidos na missão”

Ministério: *Existe quem ache que 30 anos não é uma faixa tão jovem.*

Baraka: Sim; mas, algumas pessoas limitam a faixa de jovens, na igreja, até 35, e nós dizemos: “Está bem.” O fato é que esta igreja tem força. Envolver esse exercício na missão. Ele é a força da igreja.

Tejel: Os jovens são naturalmente apaixonados. A questão é que podem direcionar essa paixão para fazer coisas certas ou erradas. Como líderes, o que temos de fazer é motivá-los a direcionar sua paixão para Jesus Cristo. Os adolescentes têm paixão por tudo. Se você puder conquistá-los e redirecionar essa paixão, eles poderão trabalhar efetivamente para a igreja.

Baraka: É por isso que sempre digo: Treine os jovens. Ellen White sabia o que dizia, quando escreveu tantos conselhos a respeito disso.

Ministério: *De que maneira esse trabalho contribui para o crescimento espiritual dos senhores, individualmente?*

Tejel: Acho que o ministério jovem me desafia. Os jovens sempre lhe dizem a verdade. Às vezes, você termina de pregar um sermão fraco, e um ouvinte idoso lhe diz: “Oh, pastor! Foi maravilhoso!” Mas, se você pregar um sermão de que o jovem não goste, ele vai lhe dizer: “Pastor, sinto muito, mas não concordo com o senhor.” Por isso, trabalhar com eles me ajuda a crescer espiritualmente.

Baraka: Ao trabalhar com jovens, senti que é preciso aprofundar-me cada vez mais no conhecimento bíblico. Durante minhas viagens, chego a pregar dez ou vinte sermões, e ninguém pode fazer isso sem o poder divino, sem estar em comunhão com Deus. Pregador para jovens é uma tarefa ainda mais exigente, porque você tem de pregar algo que prenda sua atenção e os entusiasme. Eles são desafiadores. Imagine você terminar o sermão e, em vez de receber um cumprimento incentivador, ouvir de um jovem; “Não concordo com você”. Isso deixa o pregador, no mínimo, preocupado. Por isso, necessitamos estar ligados a Deus e Sua Palavra, em oração, a fim de obtermos sabedoria para alcançar os jovens e ajudá-los em suas lutas, levando-os à Cruz.

Missah: Realmente, o trabalho com jovens exige que sejamos melhores pregadores, cristãos vibrantes. E os jovens percebem se somos sinceros ou não. Essa é a razão pela qual devemos ser homens de oração e bem familiarizados com a Bíblia.

Baraka: Insisto em que precisamos ser homens de oração. Tenho recebido muitas mensagens, através das quais jovens agradecem uma oração feita em seu favor. Aliás, quando somos abordados por um deles, solicitando que oremos, não devemos apenas prometer que faremos isso, futuramente, em nossa casa ou escritório. No exato momento em que somos solicitados, devemos fazer a oração. Os jovens apreciam esse gesto e se sentem fortalecidos. E essa é a recompensa que podemos ver. Experimentaremos alegria maior, quando virmos os frutos do nosso trabalho na eternidade. ❧

Carta aos pais



Mirian Grütner

Professora e esposa de pastor na Associação Sul-Paranaense

AFAM

Prezados pais, quem escreve também é um pai...

Com profundo pesar, lhes confesso que gostaria de apresentar um testemunho positivo de minha experiência como pai, das minhas alegrias, das boas recompensas recebidas dos filhos, dos frutos dos meus ensinamentos a eles, mesmo que estes fossem colhidos tardiamente. Porém, não é o que tenho para lhes mostrar agora. De fato, jamais o terei.

No entanto, quero desabafar a dor proveniente de uma ferida interior incurável e, quem sabe, poder alertar aqueles que ainda têm a oportunidade de exercer a paternidade, ou, aqueles que ainda pretendem ser pais.

Tive dois filhos – dois meninos que eram a nossa alegria. E, mesmo a despeito de eu ter muitas exigências relacionadas ao meu trabalho – eu era a maior autoridade do setor judiciário de meu país –, procurava mostrar a eles que os amava. De vez em quando, brincava com eles, lhes dava muitos presentes, procurava agradá-los bastante.

Eles eram meninos normais: brincavam, riam, choravam, faziam peraltices, alimentavam manhas, eram sádios. Quanto a mim, sempre me considerei um bom pai. Aparentemente, tudo corria bem. E, algo importante: muitas vezes, eles iam à igreja comigo, pois ali eu ocupava um cargo de grande importância, que também tomava parte significativa de meu tempo. Fazendo-me acompanhar dos meus meninos, eu imaginava poder prepará-los a fim de que, um dia, fizessem o mesmo que eu fazia.

Os meninos foram crescendo, e suas atividades e interesses foram mudando. Tornaram-se adolescentes. Vocês sabem, não é?... Vida de adolescente não é fácil. Coitados, eles não sabem se são gente grande ou se são crianças. Os pais precisam ter muita paciência com eles. E eu, ah!..., como tinha paciência!... Permitia-lhes fazer o que quisessem, porque, afinal, eu não podia nem queria afastar meus filhos de mim. E eles iam fazendo suas escolhas, seus horários, suas amizades, com toda a liberdade que eu lhes dava.

Certo dia, fiquei muito chateado com um irmão da igreja. Ele veio reclamar que achava meus filhos muito irreverentes. Não gostei da crítica e falei que meus filhos tinham que ter liberdade na igreja porque, do contrário, perderiam a vontade de frequentá-la. Pouco tempo depois, outro irmão veio fazer novo comentário sobre os meninos. Imaginem vocês, eu era um homem honrado na sociedade e tinha um cargo muito importante na igreja. Não era justo ter que ouvir que precisava educar melhor os meus filhos. Isso foi demais...

Bem, mas se fosse hoje, eu teria pensado diferente...

Sempre fui um pai amoroso. Nunca ralhei com meus filhos. Nunca levantei a voz com eles. Eles nunca apanharam. Minha filosofia educacional era a do "amor".

Ah, o "amor"... É foi exatamente aí, caros pais, que eu me enganei completamente...

Hoje, posso afirmar, com lágrimas, que amar não significa ser conivente com todos os hábitos dos filhos. Eu fui conivente; fui transigente demais; fui permissivo. Como lamento! Como eu gostaria que o tempo voltasse para poder reparar os danos que eu mesmo permiti que fossem cultivados em meus filhos!

Fui um pai amante da comodidade. E apenas hoje, sim, apenas hoje consigo enxergar quantas vezes deixei de exercer a minha autoridade para corrigi-los. Era mais fácil pensar que aquela fase de rebeldia passaria e que, com o tempo, eles poderiam amadurecer e se tornar adultos sérios.

Meus adolescentes se tornaram homens, mas o tempo não os transformou em cidadãos responsáveis, honestos e tementes a Deus. Eles eram arrogantes, desonestos, prepotentes, irônicos, orgulhosos, e faziam pouco das coisas de Deus. Tolo. Fui um verdadeiro tolo em nunca contrariar as vontades egoístas de meus filhos! Quanto remorso eu sinto...

Finalmente, passei a sentir certa vergonha do comportamento deles e, numa tentativa desesperada de ainda consertar as coisas, coloquei meus dois filhos para atuar na igreja, sob minha determinação.

Foi um verdadeiro vexame! Os membros vinham reclamar constantemente das atitudes anticristãs com as moças, das palavras obscenas, da desonestidade e das ações que executavam visando apenas ao próprio interesse.

No começo, eu dava desculpas e inventava todo o tipo de pretexto para a conduta deles. Mas, as coisas foram de mal a pior e, com o coração angustiado e pesaroso, decidi, finalmente, chamá-los para uma conversa séria. Que decepção! Aqueles dois homens nunca haviam aprendido a respeitar alguém na vida. Não seria agora que fariam diferente...

Chamei-os novamente, clamando para que me ouvissem. Apenas me viraram as costas, ignorando-me em completo desrespeito e desconsideração. Chorei amargamente. E eles viram, e sabiam qual era a causa, mas o coração endurecido que possuíam não se comoveu nem um pouco.

Sim... Foi isso que eu cultivei neles a vida inteira. Minha resistência em corrigi-los cedo, quando era necessário, foi exatamente o que os impeliu rumo à arrogância e à presunção. Evitar o confronto com suas atitudes de desobediência desde a mais tenra infância, para mantê-los sempre perto de mim, gerou efeito contrário do que eu esperava, pois os afastou de mim. Meu excesso de afeto e consideração, somado à falta de limites, os tornou prepotentes e sem afeto.

Pais, eu fui covarde, indolente, e me sinto gravemente responsável pelos males que poderia ter evitado, bem como pela péssima influência que meus filhos geraram na igreja e na sociedade.

Ah, se eu tivesse ouvido a Palavra de Deus: "Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor e pratiquem a justiça e o juízo" (Gn 18:19).

Senti, na própria carne, os efeitos da péssima educação que ministrei a eles. Pais, quando nós levamos em consideração todos os desejos de nossos filhos, sendo frouxos, mesmo naquilo que sabemos não ser o melhor, eles perdem totalmente o respeito por nós e toda consideração pela autoridade de Deus. E a influência exercida se torna um desastre para a sociedade.

Eu já estava no fim de meus dias, idoso, cego e frustrado. Num confronto político, meus dois filhos foram assassinados no mesmo dia. Foi um duro golpe para o coração já machucado de um pai. Contudo, um golpe ainda mais doloroso irá comigo para o túmulo: a dor de saber que não poderei encontrá-los no Céu.

Eu não os preparei para que estivessem lá...

Por isso, pais, eu lhes faço este último apelo: Não esperem ter que passar pelo que eu passei, até perceberem a grande responsabilidade que têm nas mãos. Não dêem tudo o que seus filhos lhes pedem; não sejam acomodados e covardes, como eu fui, para lhes inspirar o respeito e a autoridade que Deus conferiu a vocês. Não se intimidem com birras, reclamações e ataques histéricos que venham a ter. Há bons recursos que ajudam a refrear esses ensaios de ranzinice, que, se não podados em tempo, se estenderão pela vida adulta. Uma vara bem administrada por mãos sábias e sensatas, uma ou duas vezes na vida, pode fazer milagres na prevenção de grandes males. Amem seus filhos; portanto, eduquem-nos.

Um dia, todos nós teremos de prestar contas a Deus daquilo que fizemos com os filhos que nos foram dados. E tudo aquilo que neles plantamos será colhido... Eu já fiz a minha trágica colheita.

Eli, pai de Hofni e Finéias ❖

Um pastorado especial



Walter T. Lima

Capelão do Colégio
Adventista de Joinville,
SC

*“Os professores
de Bíblia podem
fazer uma obra
maravilhosíssima,
caso aprendam
eles próprios do
grande Mestre”*

Era o dia 11 de agosto de 2005. Aproximadamente às 21h, recebi a seguinte mensagem em meu celular: “Professor, aqui é Fernanda. Por favor, ore em favor do meu namorado. Ele sofreu um grave acidente de moto. Faça isso por mim, obrigada.” Imediatamente, orei, de acordo com o pedido da minha aluna, intercedendo pelo rapaz. Após a oração, liguei para ela e conversamos sobre o poder e a misericórdia de Deus.

As horas passavam, e outras mensagens foram chegando: “Ele fez uma cirurgia de emergência e está correndo risco de morte.” “Ele já está recuperando os movimentos, só precisamos orar, eu também estou orando muito. Muito obrigada por sua atenção.” “Ele acabou de sair da UTI. Muito obrigada por orar por ele. Obrigada mesmo!” Deus atuou na vida do rapaz e ele foi salvo milagrosamente.

Estava caminhando no pátio da escola, quando uma aluna se aproximou e disse: “Professor, precisamos conversar urgentemente. É sobre Mariana [nome fictício].” O modo como fui abordado e o semblante preocupado da aluna me assustaram. Então, nos encontramos: eu, ela é a amiga, motivo da sua preocupação. Eu já sabia que a garota enfrentava dificuldades na vida escolar, nas amizades, escolhas pessoais e, principalmente, vida familiar.

Após alguns minutos de conversa, descobri o motivo da preocupação da colega. Sua amiga estava com tudo preparado para fugir de casa. Não estava mais suportando os problemas e dificuldades. Passei a orar por ela e observá-la com mais cuidado durante os dias que se seguiram. Conversamos várias vezes e a encaminhei à orientadora escolar. No fim do ano, perguntei a ela como estavam as coisas. Sorridente e com o semblante transformado, ela disse que estava tudo bem. Havia esquecido a idéia de fugir, nos abraçamos e combinamos nos rever no ano seguinte.

Além desses, há outros fatos que marcam a realidade escolar: “Por favor, explique melhor o que estamos estudando no nosso livro de religião, pois é diferente do que aprendi na minha igreja.” “Professor, meus pais estão se separando; meu pai saiu de casa hoje. E agora?” “O vestibular da faculdade que escolhemos vai cair no sábado, e eles não querem nos deixar fazer a prova em outro momento. O que você pode fazer para nos ajudar?”

Um episódio, especialmente, eu não poderia deixar de contar: Na cidade de São Francisco do Sul, tínhamos um aluno do terceiro ano do Ensino Médio, que, em certo momento, passou a fazer muitas perguntas. Percebi que se tratava de alguém sincero e desejoso de conhecer a verdade. Convidei-o para assistir a uma campanha de evangelismo que realizaria na igreja central. As palestras abordariam os eventos finais e o Apocalipse que, por fazerem parte do nosso livro-texto em sala de aula, eram o alvo de suas perguntas.

O garoto aceitou o convite, e se mostrava muito interessado. Solicitei ao professor Sebastião Júnior, professor de inglês, que ministrasse estudos bíblicos na casa daquele jovem, pois minha agenda estava lotada. O colega aceitou o desafio e fez além do esperado, levando o moço para almoçar, durante alguns sábados. Realmente o tratou como amigo

e o acolheu na família de Deus. Finalmente, o jovem decidiu-se pelo batismo, que aconteceu antes de sua formatura no Ensino Médio da nossa escola.

Sendo perito no campo da informática, o jovem foi contratado para lecionar essa matéria no colégio, ingressou na faculdade de Ciência da Computação e continua servindo à escola. Meses depois, após uma campanha realizada pelo novo capelão do colégio, foram batizadas também sua mãe e sua irmã.

Visão distorcida

Existem pessoas que possuem visão limitada, para dizer o mínimo, do ministério escolar. Em meu trabalho como capelão e professor de Ensino Religioso, tenho me deparado constantemente com pessoas que não entendem a importância e a beleza desse ministério, deixando escapar questionamentos como estes: “Pastor, quando vais ingressar no ministério?” “Será que no próximo ano irás para um distrito?” “Ainda estás na escola?” Como “ainda”? Teria que obrigatoriamente sair? Qual é o problema em “estar” na escola?

Essas e outras perguntas me fazem acreditar que muitos olham o distrito como ministério; e a escola, como trampolim para ingressar nesse ministério. É como se o ministério escolar fosse um estágio para alguém ser, de fato, pastor. Na maioria das vezes, tenho respondido com bom humor. Porém, após quase oito anos de ministério escolar, tenho refletido muito no que responder, a fim de que essas pessoas compreendam a importância do ministério educacional.

Antes de prosseguir, é justo mencionar que, graças a Deus, também tenho encontrado líderes e irmãos, que entendem, respeitam e valorizam esse ministério, nele reconhecendo uma significativa oportunidade para alcançar corações e mentalidades em formação, e que travam conflitos ferozes diante dos problemas e seduções próprios da vida moderna.

Mudança de visão

É imperioso que, como líderes e membros de uma igreja tão maravilhosa, reflitamos um pouco mais sobre a visão que alimentamos a respeito deste ministério.

“Em toda escola estabelecida por Deus deve haver, como nunca antes, procura de instrução bíblica. Nossos alunos devem ser educados para se tornarem instrutores bíblicos, e os professores de Bíblia podem fazer uma obra maravilhosíssima, caso aprendam eles próprios do grande Mestre.

“A Palavra de Deus é verdadeira filosofia, ciência genuína. As opiniões humanas e pregações sensacionais bem pouco valor têm. Os que se acham possuídos da Palavra de Deus, podem ensiná-la da mesma maneira simples por que Cristo a ensinou.”¹

“As Associações devem cuidar que as escolas sejam providas de professores bem competentes no ensino da Bíblia, e que possuam profunda experiência cristã. Os melhores talentos do ministério devem ser empregados em nossas escolas.”²

Os jovens que almejam ou ingressam no pastorado precisam ver o ministério escolar não apenas como alternativa a um distrito, mas como um grande e lindo campo de trabalho. Na verdade, a escola é uma igreja cheia de jovens que necessitam de um pastor que os ame e lhes aponte o caminho para o Céu. Esse é um trabalho que precisa ser feito no contexto do jovem, com entusiasmo, criatividade e alegria, mas também com extrema fidelidade, seriedade e disciplina. Somos responsáveis diante de Deus pelo tempo que passamos em sala de aula com os alunos e pela forma como ensinamos a Sua Palavra.

Jamais devemos perder de vista o fato de que educar é redimir. E isso im-

plica alguns itens, como por exemplo: Jamais nos contentarmos com trabalho de segunda classe. Jamais nos limitarmos a comunicar apenas conhecimentos técnicos. Ambicionarmos incutir nos alunos os princípios de verdade, obediência, honra, integridade e pureza. Não pouparemos esforços a fim de que os alunos sejam uma força positiva para o erguimento e estabilidade da sociedade. Incutirmos na mente dos alunos a grande lição da vida sobre o trabalho altruísta.³

Bênçãos e desafios

Ao longo de sete anos de ministério escolar, tenho percebido a atuação poderosa de Deus. Tenho testemunhado Sua obra na vida de alunos, professores e seus familiares. Tenho experimentado muitas alegrias. Entre elas, a emoção de ter batizado muitos alunos. Mas, existem desafios relacionados ao crescimento espiritual de todos nós, à preservação de um ambiente celestial na comunidade, aquela atmosfera que nos faz sentir, ininterruptamente, a presença de Deus. Existem alunos a serem encaminhados para o reino do Senhor, outros necessitam libertar-se dos conflitos familiares e encontrar sentido para a vida. No poder de Deus, e de todo o meu coração, almejo contribuir para a conquista dessas metas. Desejo continuar cantando e ensinando meus alunos a louvar a Deus, amar Sua palavra e entregar-se a Ele, enquanto Ele permitir. ☘

Referências:

¹ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 474.

² _____, *Manuscrito 139*, 1898.

³ Jorge Mário de Oliveira, *Apostila de Educação Cristã* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp), p. 9.



Capacitados para servir



Roy Naden

Professor de Teologia,
jubilado, reside em
Washington

*Tão logo
aceitamos o dom
da salvação de
Deus, Ele nos
habilita para
ministrar em
Seu favor*

Não pode haver dúvida quanto à natureza fundamental da verdade de que tudo o que foi comissionado à igreja, por nosso Salvador, só será cumprido através das habilidades ou dons concedidos por Deus a todo crente, através do Espírito Santo. A transformação que devemos experimentar e que, segundo Paulo, ocorre através da contemplação (2Co 3:18), é um caminho de duas vias: Somos transformados por mantermos comunhão diária com nosso Senhor e por buscarmos encontrar meios de atender as necessidades dos semelhantes, através dos dons a nós compartilhados pelo Espírito Santo.

Erwin McManus colocou diante de nós uma importante questão: “Caso fôssemos onipotentes, oniscientes e onipresentes, quantos de nós escolheríamos o serviço como a última expressão desse potencial? Possuidor de tais atributos, não seria o caso de Deus ter o direito de ser servido? Isso aconteceria conosco, mas não foi assim com Jesus.”¹

Os dons espirituais estão distribuídos em duas categorias: nutrição dos salvos e evangelização dos descrentes. Os dons de evangelismo têm como objetivo partilhar o evangelho com o mundo. Mas, o acelerado crescimento populacional tem adicionado tal incomensurabilidade à nossa missão, que seu cumprimento se tornou algo além da possibilidade humana. Somente o uso dos dons do Espírito pode cumprir essa tarefa. A missão evangélica será consumada “não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4:6).

Quando os dons de evangelismo são utilizados apropriadamente, as pessoas encontram seu lugar na fraternidade cristã, conforme o exemplo da igreja primitiva, à qual o Senhor acrescentava “dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2:47). Porém, cristãos recém-nascidos necessitam ser nutridos, para alcançar maturidade (2Pd 3:18). Daí, a necessidade dos dons de nutrição.

O apóstolo Paulo ensinou a respeito dos dons espirituais em três de suas epístolas: Romanos, Efésios e I Coríntios. Entretanto, há evidências de que o Espírito sempre outorgou Seus dons a pessoas espirituais. No Antigo Testamento, lemos sobre a dotação de artistas, com o objetivo de construir e equipar o santuário (Êx 35:35), o que nos lembra a importância de reconhecer e apreciar o trabalho artístico originado em Deus.

Aos romanos, Paulo descreveu nosso preparo individual para uma vida de serviço, utilizando os dons do Espírito. Escrevendo aos cristãos de Corinto, ele apresentou o processo pelo qual recebemos esses dons. E, na carta aos efésios, lemos sobre o propósito do serviço realizado através dos dons espirituais.

Preparação

A epístola aos romanos se destaca pelo desenvolvimento sistemático do tema da justificação pela fé. Em nenhum outro lugar, a sabedoria teológica e a perspicácia intelectual de Paulo são mais evidentes do que quando lemos esse verdadeiro tratado sobre o evangelho.

Paulo começa dizendo que o mundo inteiro está condenado em sua pecaminosidade.

sidade (Rm 1-3). Abraão é apresentado como exemplo de justificação unicamente pela fé (Rm 4, 5). Então, o apóstolo mostra como o processo de santificação dá seqüência à declaração de justiça, atribuída ao crente por Deus (Rm 6-8). Paulo conclui o tema descrevendo como Israel se ajusta ao quebra-cabeça de uma nova era (Rm 9-11), na qual Deus comissiona todos os crentes, judeus e gentios igualmente, a levar o evangelho ao mundo.

No capítulo 11, podemos acompanhar a lógica desse seu argumento, e, na abertura do capítulo 12, nos deparamos com uma transição assinalada pelo uso do termo “pois”. Então, o apóstolo argumenta: No momento em que recebemos o dom da salvação, o Espírito acrescenta outros dons para o ministério em favor de outros. Nos primeiros onze capítulos de Romanos, não é comum reconhecer a primeira implicação para aqueles que são declarados justos, ou seja: Todos nós recebemos dons espirituais. Isso é detalhado no capítulo 12: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12:1).

Desde o Êxodo, Israel foi envolvido com o ritual diário do sacrifício de animais. O principal desses animais era o cordeiro, oferecido duas vezes ao dia, no altar de bronze das ofertas queimadas. Não havia qualquer resistência da parte do animal. Paulo usa essa realidade histórica para lembrar seus leitores de que, por causa do dom da justiça que lhes foi outorgado, eles devem responder entregando-se tão completamente a Deus, como o cordeiro que era consumido no tição incandescente. Ele diz que fazer isso é algo perfeitamente “racional”.

Na versão do Rei Tiago, a palavra “racional” é traduzida do termo grego *logikos*, do qual se origina a palavra “lógica”. Assim, é lógico, para aqueles que receberam a vida eterna como dom de Deus, entregarem-se voluntariamente, docilmente e sem reservas a Ele, em gratidão e prontidão para servir.

Enquanto nos entregamos a Deus, Ele molda nossa vida e a torna como a Sua. J. B. Phillips traduziu Romanos 12:1, 2 nos seguintes termos: “Não permita que o mundo ao seu redor o comprima em seu próprio modelo, mas deixe que Deus o refaça de modo que toda sua atitude mental seja transformada. Assim, você

provará, na prática, que a vontade de Deus é boa, aceitável e perfeita.”²

Paulo continua falando das implicações disso, usando outra metáfora: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos...” (Rm 12:2). A palavra “transformai-vos” é tradução do grego *metamorphoo*. Em outro lugar, ele fala do crente como nova criatura (2Co 5:17). Como age essa nova criatura? Em Romanos 12, Paulo responde, afirmando que, quando experimentamos essa metamorfose, isso constitui nosso preparo para receber os dons com os quais serviremos nossos semelhantes (Rm 12:6-13).

*“Ao nos unirmos
a Cristo, nos
ligamos à mais alta
fonte de poder
e motivação”*

Processo inicial

Outra passagem paulina que elabora o processo pelo qual nós entramos em uma vida de serviço é 1 Coríntios 12-14. Cronologicamente, essa é a primeira e mais longa elaboração do apóstolo sobre dotação espiritual. Nessa carta, em que também fala sobre os símbolos do pão e do vinho na celebração da Ceia (1Co 11) e sobre a maravilha da ressurreição (1Co 15), Paulo descreve o tríplice processo pelo qual entramos no ministério. “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos” (1Co 12:4-6).

Primeiramente, ele estabelece que há grande variedade nos dons distribuídos pelo Espírito. Pode ser enganoso pensar que os dons espirituais estejam limitados aos aproximadamente trinta mencionados na Bíblia. Os dons con-

cedidos aos crentes no primeiro século satisfizeram perfeitamente suas necessidades evangelísticas e de nutrição espiritual. E continuam fazendo a mesma coisa em nosso tempo. Por exemplo, o dom que capacita pessoas a ajudarem outras, “edificando, exortando e consolando” (1Co 14:3), é tão necessário hoje como em qualquer outro tempo na História.

Hoje, os dons podem ser os mesmos ou similares aos do primeiro século, mas alguns serão únicos para nossa geração. Eles podem incluir habilidades como, por exemplo, programação de computador, operação de aeronaves, entre outras inexistentes no tempo de Paulo. Sua afirmação de que “os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” expressa a grande variedade nos dons distribuídos por Deus. E nosso primeiro passo com vistas ao ministério é estarmos conscientes dos dons recebidos e das áreas em que podemos servir com habilidade, confiança e sucesso.

Paulo também diz que “há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo” (1Co 12:5). A palavra grega aqui traduzida como “serviços” é *diakonos*, da qual é derivada a palavra “diácono”, cujo significado é “um servo... que executa uma missão”.³ Servos realizam qualquer trabalho que necessita ser feito e para o qual sejam comissionados. E os servos de Deus são equipados e comissionados para fazer tudo o que precisa ser feito. Deus provê uma variedade ilimitada de habilidades únicas, para que a igreja seja capacitada a atender as necessidades humanas.

Então, nosso próximo passo em direção à vida ministerial é procurar oportunidades para usar nossos dons no serviço aos semelhantes. Isso pode ser feito na congregação da qual fazemos parte, ou independente dela. Afinal, o ministério opera nas duas formas. Deus trabalha com os dons espirituais e as necessidades humanas, concedendo-nos motivação, entusiasmo e efetividade na satisfação das necessidades. Paulo escreve: “E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos” (1Co 12:6). O termo “opera” vem do grego *energes*, originário da palavra “energia”.

Ao nos unirmos a Cristo, também nos ligamos com a mais alta fonte de motivação e energia. Através de Seu Espírito, à medida que buscamos atender as necessidades humanas, recebemos poder ou energia. E isso é o

que descreve o terceiro passo de nossa jornada ministerial. Quando vemos uma necessidade e sabemos que somos dotados para atendê-la, o Espírito nos motiva a servir: prazerosa, espontânea e efetivamente.

Nas três referências que Paulo faz à dotação espiritual (Romanos, 1 Coríntios e Efésios), ele usa a metáfora de um corpo. Cada parte, ou “membro” (1Co 12:18), tem papel fundamental a desempenhar. Para que todo o corpo funcione perfeitamente, cada membro deve trabalhar junto com outro. Esse senso harmonia ou integração é a chave para o evangelismo efetivo e a nutrição eficaz da igreja, através dos dons espirituais (1Co 12:13-27).

*Deus nos concede
dons para que,
como servos,
possamos honrá-Lo
e glorificá-Lo*

Finalmente, em todas as referências, Paulo também enfatiza que a utilização dos dons só pode ser efetiva se servirmos com amor. Essa ênfase é vista especialmente no capítulo 13 de 1 Coríntios. Se eu usar qualquer dom, sem amor, “nada serei” (1Co 13:2). Ao comparar fé, esperança e amor, o apóstolo declara este último como o maior dom (1Co 13:13).

Propósito dos dons

A terceira menção de Paulo sobre os dons espirituais, na carta aos efésios, descreve o propósito dos dons de serviço bem como os resultados de sua descoberta e utilização. Depois de mencionar os dons espirituais fundamentais (apostolado, pastorado, evangelismo e ensino), Paulo explica o objetivo de seu uso: “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do

Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:12, 13).

Quando empregamos nossos dons em serviço, nos tornamos mais e mais semelhantes ao Servo-modelo – Jesus. Essa revelação é um rico tesouro; é o outro lado da moeda que Paulo apresenta na carta aos romanos. “Obras da lei”, ele adverte, nunca podem nos tornar justos como Jesus. Mas, “obras de serviço”, através dos dons espirituais, nos convidam a uma fraternidade na qual nossa atenção está sempre focalizada em Cristo. Nesse processo, somos transformados, desenvolvemos nosso caráter e nos tornamos semelhantes a Ele.

No último dia, Cristo galardoadá os remidos pelo fato de que eles revelaram compaixão e serviram outras pessoas, ou seja, usaram seus dons no evangelismo e nutrição espiritual: “Porque tive fome, e Me destes de comer; tive sede, e Me destes de beber; era forasteiro e Me hospedastes; estava nu, e Me vestistes; enfermo, e Me visitastes; preso, e fostes ver-Me” (Mt 25:35, 36). Não há melhor evidência de havermos estabelecido uma relação íntima com Jesus, que o uso dos dons que nos foram concedidos.

Tendo considerado as descrições bíblicas sobre preparação, processo e propósitos envolvidos na recepção e utilização dos dons espirituais, ainda existem duas questões básicas que devemos abordar.

Quando recebemos o dom

Com base em Romanos 12, podemos assumir que recebemos nosso dom no momento em que aceitamos a Cristo. E isso nos leva a considerar o relacionamento entre talentos naturais e dons espirituais.⁴ Em geral, os talentos são parte de nossa herança genética e podem ser favorecidos por nosso ambiente familiar.

Escultores, professores, músicos, conselheiros, oradores e líderes possuem talento natural, que pode ser usado para o bem ou para o mal. No caso dos descrentes, o uso desses talentos tende para a glória pessoal. Mas, na conversão, nos damos por inteiro ao Senhor. Ellen White escreveu: “Tornando-nos discípulos Seus, rendemo-nos a Ele com tudo que somos e temos. Devolvemos Ele, então, essas dádivas purificadas e enobrecidas para que as utilizemos para Sua glória em abençoar nossos

semelhantes.”⁵ Sim, Deus nos devolve nossos talentos para que sejam usados como dons espirituais, para atender as necessidades humanas e, nesse processo, glorificá-Lo e honrá-Lo.

Quase sempre podemos observar as mesmas habilidades em indivíduos antes e depois de sua conversão. Porém, o modo como são utilizadas é dramaticamente mudado.

Como identificar os dons

Cinco teses doutorais de alunos meus na Universidade Andrews exploraram o relacionamento entre a dotação espiritual e as características de personalidade. As pesquisas identificaram uma associação entre os perfis de personalidade e cada categoria de dons. Assim, Deus nos chama a servir em ministérios ajustados à nossa personalidade. Ele nos assegura a combinação dos dons espirituais com quem nós somos. E mais: alguns membros da família de Deus que nem sempre têm oportunidades para certas linhas de serviço podem ter o dom específico e apenas necessitam o reconhecimento e facilitação de oportunidades, da parte da igreja, para utilizá-lo.

Quando servimos através de nossos dons, nos alegamos em nosso ministério, pois sentimos o prazer de fazer coisas para as quais fomos dotados.

Quando servimos através de nossos dons, nós abençoamos as pessoas, e sua apreciação é uma afirmação de que esses dons estão sendo bem utilizados.

Quando servimos a outras pessoas através de nossos dons, desejamos melhorar nosso ministério e o das nossas congregações. Então, haverá unidade, alegria e progresso num “só corpo” (1Co 12:20).

Na consumação dos séculos, todos os servos fiéis ouvirão as palavras do Servo-líder: “Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. ... Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes” (Mt 25:34, 40). ❧

Referências:

- ¹ Erwin McManus, *An Unstoppable Force* (Loveland: Group Pub., 2001), p. 156.
- ² J. B. Phillips, *The New Testament in Modern English* (Londres: Collins, 1959).
- ³ *The Analytical Greek Lexicon* (Londres: Samuel Bagster and Sons Ltd., 1967).
- ⁴ Lloyd Edwards, *Discerning Your Spiritual Gifts* (Cambridge: Cowley Publications, 1988), p. 12.
- ⁵ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 328.

Pastoreando no deserto



Felix Vecchiarelli

Pastor adventista no Arizona, Estados Unidos

*“Pela fé, Moisés
... considerou
o opróbrio
de Cristo
por maiores
riquezas do que
os tesouros do
Egito, porque
contemplava o
galardão”*

Se você acha difícil liderar o distrito sob sua responsabilidade, sugiro que faça uma comparação de sua situação atual com a de Moisés, o primeiro pastor distrital. Certamente, concluirá que, apesar das circunstâncias, você se encontra num paraíso.

No fundo, a maior dificuldade de Moisés não foi tirar os filhos de Israel do Egito, mas tirar o “Egito” de Israel. Embora, nesse sentido, seu trabalho seja basicamente o mesmo daquele patriarca, a comunidade israelita não era constituída apenas por uns poucos dizimistas e cristãos guardadores do sábado. A desafiadora tarefa de Moisés era liderar centenas de milhares de crianças, homens e mulheres, não verdadeiramente convertidos em sua maioria, libertando-os de quatrocentos anos de paganismo e escravidão.

Evidentemente, sabemos como a história terminou. Apesar de todas as dores de cabeça, Israel cruzou o Jordão, conquistou Canaã e viveu na Terra Prometida. Embora o pastor Moisés não entrasse naquela terra, sua tarefa foi completa. O povo ao qual liderou – seu rebanho – foi posto a salvo e seguro no ansiado lar. Como ele fez isso? O que podemos aprender hoje, como líderes pastorais, de sua experiência? Quero partilhar seis diretrizes absorvidas daquela incrível jornada pastoral no deserto.

Você é representante de Deus

Note quantas vezes o pronome “Eu” aparece, explícita ou implicitamente, aplicado a Deus em Êxodo 3. O Senhor estava pessoalmente envolvido em ações em favor de Seu povo. Seu poder e amor produziam salvação. Ao mesmo tempo, também encontramos um significativo pronome “tu” na história, quando Deus falou a Moisés: “... depois de haveres tirado o povo do Egito...” (Êx 3:12). Deus realizaria Sua obra através de Moisés. A maioria dos israelitas nunca veria nem falaria com Deus. Entretanto, eles veriam e falariam com Moisés. O povo de Israel aprenderia sobre o caráter de Deus através de Moisés. Assim, sua compreensão a respeito de Deus dependia muito das ações e palavras de Moisés.

Quer você esteja no púlpito, fazendo compras, dirigindo o automóvel, ou descansando no conforto de seu lar, você representa Deus. Suas ações e palavras representam Deus diante de todas as pessoas com as quais você entra em contato, seja na igreja ou na comunidade. Você e eu somos representantes de um Deus santo. Portanto, a santidade de Deus deve ser a característica da nossa vida.

Isso é muito importante para um pastor distrital, considerando que sua influência é diretamente sentida em tantos lugares quantos sejam os componentes de seu distrito.

Lembre-se da família

Em Levítico 10, encontramos a história de Nadabe e Abiú. Ali, também encontramos que Deus tem uma identificação específica para aqueles que O servem no santuário: “Mostrarei a Minha santidade naqueles que se chegarem a Mim e serei glorificado diante de todo o povo” (Lv 10:3).

Poderíamos apresentar muitas razões pelas quais tal afirmação é importante. Porém, vamos focalizar a principal delas: os filhos dos sacerdotes, e que é aplicável a muitos pastores.

O fato de que Deus lembrou a Arão esse ponto essencial, imediatamente depois que seus filhos foram destruídos, nos diz que o sacerdote, pelo menos em parte, foi responsável pela triste sorte dos rapazes. Um pastor distrital se acha mais perto desse perigo. Pelo fato de passar longas horas fora de casa, trabalhando em favor de outros, o descuido com o tempo que deve ser dedicado aos filhos é uma ameaça constante. Daí, a necessidade de vigiar-se, organizando o trabalho com base nas seguintes prioridades: Deus (comunhão pessoal), família e trabalho. Ademais, também é seu dever imprimir uma impressão favorável e duradoura sobre Deus e Sua causa, na mente e no coração dos filhos.

Focalize a Palavra de Deus

Não raro, o pastor é tentado a não dar muita atenção ao preparo do sermão, devido ao, assim chamado, pouco tempo disponível para isso. Para ganhar esse tempo, a tentação do pastor é enveredar por muitos atalhos no preparo de suas mensagens. Afinal, existem livros e a internet, de onde se pode “tirar bons sermões”. Alguns preferem usar o mesmo sermão várias vezes ou, ainda, ocupar o tempo dos ouvintes lhes contando histórias divertidas. Pode ser que tudo isso tenha seu tempo e lugar apropriados, mas, da vida de Moisés, podemos aprender que há um caminho melhor para encontrar o que devemos falar ao povo.

Como já foi mencionado anteriormente, a compreensão de Israel a respeito de Deus, em certa medida, dependia das ações e palavras de Moisés, especialmente quando Ele iniciava suas mensagens, anunciando: “Assim diz o Senhor”. Moisés focalizava regularmente a Palavra de Deus, mesmo em ocasiões em que ela parecia não fazer sentido, como foram os casos de abrir o Mar Vermelho e falar à rocha para obter água. Moisés ouvia a Palavra de Deus, e ela sempre funcionava.

Entretanto, houve uma ocasião em que ele não obedeceu: justamente quando Deus lhe falou que ordenasse à rocha dar água ao povo. Moisés a feriu, em vez de falar. Como resultado de sua desobediência, não lhe foi permitido entrar na Terra Prometida. Quando um pastor se afasta da Palavra de Deus, as consequências podem ser devastadoras. Todo sermão deve ser centralizado na Bíblia, e o pastor precisa gastar tempo com a Palavra, a fim de que extraia o melhor que a congregação necessita ouvir.

Leve o povo a Cristo

Quando Israel esteve faminto, o maná (pão da vida) caiu do Céu. Quando esteve sedento, foi enviado à rocha da qual brotou água. Quando os israelitas foram picados por serpentes, foram orientados a contemplar a serpente de bronze, para serem curados. Sempre que enfrentavam lutas e dificuldades, eram encaminhados a Deus. É a Cristo, o Pão da Vida, a Água da Vida, o Bálsamo de Gilead para as feridas morais, físicas, emocionais e espirituais, a solução dos problemas, que o povo deve ser encaminhado pelo pastor.

Nesse ponto, devemos lembrar a importância da visita pastoral, que é a grande oportunidade que o pastor tem de conhecer as necessidades dos membros da igreja. Direcione o olhar das pessoas a Jesus. Pregue sobre o que você deseja: estilo de vida, profecia, doutrina ou história. Mas, nunca deixe de ligar cada pensamento a Cristo. Faça apelos para que os ouvintes O aceitem. Lembre-os de que, ao saírem do santuário, devem viver para Cristo. Faça de Cristo o fundamento de seu pastorado.

Compartilhe a liderança

Moisés não carregou as caixas de maná para o santuário, não foi espiar a Terra Prometida, nunca matou um cordeiro no Dia da Expição, não construiu o santuário, muito menos fez o bezerro de ouro nem liderou qualquer revolta. A igreja é um corpo, e você não pode ser, ao mesmo tempo, as mãos, o pescoço, os pés, a cabeça ou as costelas.


Delegue atividades. Mantenha os membros da igreja ativamente envolvidos na comunidade. Capacite-os, motive-os, equipe-os e deixe-os trabalhar, enquanto você supervisiona a execução do planejamento. Não realize sozinho cada ministério; guie, oriente, aconselhe, acompanhe, avalie, mas deixe a igreja trabalhar. Você não precisa ficar preocupado nem ansioso em relação ao trabalho dos membros, desde que tenha escolhido, como auxiliares, homens e mulheres verdadeiramente cristãos.

A igreja deve aprender a descansar em Jesus, não em mim e você. Um corpo sadio tem todas as suas partes funcionando bem.

Visualize a recompensa

Hebreus 11 nos conta a história de como a fé conduziu patriarcas e matriarcas do Antigo Testamento. Entre eles está Moisés, a respeito de quem nos é dito que escolheu sofrer por Cristo, em vez de alegrar-se nas recompensas do mundo. O verso 26 diz que ele “contemplava o galardão”. Durante sua peregrinação no deserto, ele enfrentou muitas provações, dificuldades e dores de cabeça. Alguns o perseguiram e se rebelaram contra ele. Porém, Moisés manteve seu olhar na recompensa e perseverou em conduzir o povo à Terra Prometida.

O pastor, provavelmente, trilhará o mesmo caminho de provações e dificuldades, mas não deve tirar os olhos da recompensa. Escolha sofrer aflições em nome de Jesus, consciente de que cada dia que passa nos leva para mais perto do galardão. Nosso trabalho é especial. Estamos guiando o povo de Deus, não importa se a congregação é grande ou pequena. Devemos ter nosso olhar fixo no Céu.

Indubitavelmente, ser pastor distrital é difícil. Pergunte a Moisés. Porém, apesar de tudo, à semelhança dele, também podemos ser vencedores na tarefa de guiar o povo de Deus à Canaã celestial. 

A Trindade e o adventismo



Gerhard Pfandl

Ph.D., diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

“O Pai é toda a plenitude da Divindade... O Filho é toda a plenitude da Divindade... O Consolador... é o Espírito em toda a plenitude da Divindade”

Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia abrace hoje a doutrina da Trindade, as evidências indicam que, desde os seus primórdios até os anos 1890, a visão dos autores adventistas sobre Cristo era a de que houve um tempo em que Ele não existiu, que Sua divindade foi delegada, e que, portanto, era inferior ao Pai. Com relação ao Espírito Santo, a posição era que Ele não era o terceiro componente da Divindade, mas apenas o poder de Deus.

Dois fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, José Bates e Tiago White, haviam sido membros da Igreja Conexão Cristã, que rejeitava a doutrina da Trindade. Tiago White era pastor ordenado dessa igreja. Quando ele e Bates se juntaram ao movimento adventista, continuaram mantendo a visão antitrinitariana que tinham aprendido em sua denominação anterior. Outros adventistas proeminentes com visão semelhante foram J. N. Loughborough, R. F. Cottrell, J. N. Andrews e Urias Smith.


Durante as primeiras décadas da igreja, Ellen White fez declarações que poderiam ser interpretadas como antitrinitarianas. Porém, numa evidência de compreensão progressiva da verdade, no início dos anos 1890, ela passou a fazer afirmações trinitarianas mais claras. Durante o século 19, também houve mudanças na compreensão de outros autores adventistas a respeito da Divindade. Por esse tempo, a idéia de Cristo como um Ser criado também foi enfraquecida.

Tempo de transição

Na literatura adventista, a primeira referência positiva à Trindade apareceu na série *Bible Student's Library*, em 1892. Essa obra era “uma série de folhetos, contendo breves ensaios sobre doutrinas bíblicas, cumprimento de profecias e outros aspectos dos ensinamentos adventistas do sétimo dia”.¹ O Folheto 90 foi intitulado “A doutrina bíblica da Trindade”, e seu autor, Samuel Spear, não era adventista. O panfleto era a reimpressão de um artigo do *New York Independent*, de 14/11/1889.²

Embora ensinando a doutrina de “um Deus subsistindo e agindo em três pessoas”, Spear insistia sobre “a eterna subordinação de Cristo”, entendendo-a como se referindo “tanto à Sua natureza divina como à humana”.³ Embora o folheto fosse um melhoramento das posições anteriores, ainda ficava abaixo do verdadeiro quadro da Trindade. Mas, o fato de ter sido impresso pela *Pacific Press* indica que o conceito começava a ser aceito pela igreja.

A brecha veio com a publicação do artigo de Ellen White, intitulado “Cristo o doador da vida”, em *Signs of the Times*, em 1897,⁴ e do livro *O Desejado de Todas as Nações*, em 1898. No artigo, depois de citar João 10:18 – “Ninguém a [vida] tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou” –, ela diz: “NELE havia vida, original, não tomada por empréstimo, não derivada.”⁵ Em *O Desejado de Todas as Nações*, ela cita Jesus respondendo aos judeus, conforme João 8:58: “Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão existisse, Eu sou”, e comenta: “Fez-se silêncio na vasta assembléia. O nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a idéia da presença eterna, fora reclamado como Seu pelo Rabi da Galiléia. Declarara-Se Aquele que tem existência



própria, Aquele que fora prometido a Israel, 'cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade'."⁶

Poucas páginas depois, ela repete a declaração de que "nEle havia vida, original, não tomada por empréstimo, não derivada".⁷ Tais afirmações descrevem Cristo como Deus no mais alto sentido. Ele não é derivado do Pai, nem a divindade foi atributo que não possuía e que Lhe foi conferido. Ele é auto-existente, igual ao Pai em todos os aspectos. "Ele era igual a Deus, infinito e onipotente ... Ele é o eterno Filho, auto-existente."⁸

Declarações de 1931

Apesar disso, levou muito tempo até que a doutrina da Trindade fosse aceita pela igreja como um todo. Em 1930, líderes africanos solicitaram à Associação Geral incluir no *Yearbook* (Anuário Adventista), uma declaração sobre o que os adventistas criam. "Tal declaração", diziam eles, "ajudaria oficiais do governo e outras pessoas a compreender melhor nossa Obra."⁹ Foi então escolhida uma comissão de quatro membros para

elaborar tal declaração. Essa comissão produziu 22 pontos de crença que em 1931 foram impressos no *Yearbook*. As terceira e quarta crenças fundamentais estabelecem o seguinte:

"Que a Divindade, ou Trindade, consiste do Pai Eterno, um Ser pessoal, espiritual, onipotente, onipresente, onisciente, infinito em sabedoria e amor; o Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai Eterno, através de quem todas as coisas foram criadas e através de quem a salvação das multidões redimidas será cumprida; o Espírito Santo, a terceira pessoa da Divindade, o grande poder regenerador na obra de redenção (Mt 28:19).

"Que Jesus Cristo é completamente Deus, sendo da mesma natureza e essência como o Pai Eterno. Embora retendo Sua natureza divina, Ele tomou sobre Si a natureza da família humana, viveu na Terra como homem, exemplificou em Sua vida, como nosso Exemplo, os princípios da justiça, atestou Seu relacionamento com Deus por muitos milagres poderosos, morreu na cruz por nossos pecados, ressuscitou da morte e ascendeu ao Pai onde vive para fazer intercessão por nós (Jo 1:1, 14; Hb 2:9-18; 8:1, 2; 4:14-16; 7:25)."¹⁰

Tais declarações expressavam a doutrina bíblica da Trindade. Cristo é descrito como Deus, auto-existente e eterno, e o Espírito Santo é identificado como a terceira pessoa da Divindade.

Assembléia de 1980

Antes da assembléia de 1980, em Dallas, a Associação Geral enviou às Divisões mundiais uma proposta de declaração contendo 27 crenças fundamentais. Durante a assembléia, uma versão revisada, incorporando muitas sugestões oferecidas pelo Campo mundial, foi discutida e votada como uma expressão das crenças fundamentais adventistas do sétimo dia. A segunda crença estabelece o seguinte:

"Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto-revelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação."¹¹

A crença fundamental número 4, sobre o Filho, inclui a frase "para sempre verdadeiramente Deus, Ele Se tornou também verdadeiramente homem".¹² E

a crença número 5, intitulada “Deus Espírito Santo”, começa com a sentença: “Deus, o Espírito Santo, desempenhou uma parte ativa com o Pai e o Filho na Criação, Encarnação e Redenção”.¹³ Assim, a declaração de crenças, votada em 1980, apóia a doutrina da Trindade.

Adventistas antitrinitarianos

Em anos recentes, têm aparecido muitas publicações antitrinitarianas. A tônica dessas publicações é que “a igreja como um todo rejeitou a doutrina da Trindade, e só muitos anos depois da morte de Ellen G. White foi que a Igreja Adventista mudou sua posição sobre a Trindade”.¹⁴ Tal doutrina é vista como “o ‘ômega’ da apostasia na denominação Adventista do Sétimo Dia”.¹⁵ Conseqüentemente, para continuarmos leais a Deus, argumentam esses autores, necessitamos retornar à fé dos nossos pioneiros e rejeitar a Trindade.

À parte de poucos textos bíblicos, a maioria dos argumentos apresentados contra o trinitarianismo tem fundo histórico, focalizando os pioneiros e Ellen White:

*Todos os pioneiros, incluindo Ellen White, foram antitrinitarianos.*¹⁶

É verdade que inicialmente nossos pioneiros expressaram sua compreensão da Divindade em termos antitrinitarianos. Naquela época, o antitrinitarianismo estava baseado em três idéias: 1) Houve um tempo em que Cristo não existia; 2) a divindade de Cristo foi-lhe conferida pelo Pai e, portanto, Ele é inferior ao Pai; e 3) o Espírito Santo não é a terceira pessoa da Divindade, mas apenas o poder ou influência de Deus e Cristo.

Entretanto, também é um fato histórico que, com o passar do tempo, a compreensão deles mudou. Por exemplo, em 1846, Tiago White referiu-se ao “velho credo trinitariano antiescriturístico, de que Cristo é Deus eterno”.¹⁷ Mas em 1876 ele escreveu que “os adventistas do sétimo dia mantêm a divindade de Cristo tão semelhantemente aos trinitarianos, que não tememos acusação aqui”.¹⁸ Um ano depois, ele declarou sua crença na igualdade do Filho com o Pai e condenou qualquer visão errônea que “tornasse Cristo inferior ao Pai”.¹⁹ Originalmente, Urias Smith e outros ensinaram que Cristo era o primeiro Ser criado. Posteriormente, ele adotou a posição de que

Cristo era unigênito não criado.

Em 1896, W. W. Prescott escreveu: “Como Cristo nasceu duas vezes, uma vez na eternidade, como o unigênito do Pai, e outra vez na carne, unindo dessa forma o divino com o humano no segundo nascimento, assim nós, que nascemos uma vez na carne, devemos experimentar o segundo nascimento, nascendo no Espírito...”²⁰

Passados 23 anos, durante uma discussão sobre a divindade de Cristo na Conferência Bíblica de 1919, ele admitiu: “Eu estava no mesmo lugar em que o irmão Daniells estava, e ensinei as mesmas coisas (que Cristo era o princípio da criação de Deus, e que falar da terceira pessoa da Divindade ou da Trindade era uma heresia) com autoridade, estudando o que eu supunha estar correto. Mas encontrei algo diferente.”²¹ Quando ele levantou a questão: “Podemos crer na deidade de Cristo sem acreditar em Sua eternidade?”, um dos participantes respondeu estar fazendo isso “durante anos”. Então, Prescott replicou:

“Este é o ponto. Temos usado termos que realmente não estão em harmonia com o ensinamento das Escrituras. Durante muito tempo acreditamos que Cristo era um Ser criado, apesar do que diz a Bíblia. ... Esse uso acomodatório de termos que tornam a deidade sem eternidade não é a concepção que tenho agora do evangelho de Cristo. Penso que ela carece da idéia expressa nas Escrituras, e nos deixa sem o tipo de Salvador que eu aceito agora, apresentando-O como um tipo de ser semi-humano. Como eu a vejo, a deidade envolve eternidade. A própria expressão o diz. Você não pode ler as Escrituras e ter a idéia de deidade sem eternidade.”²²

Como podemos verificar, nossos pioneiros não estavam fechados em uma interpretação particular. Quando surgia uma nova compreensão, eles progrediam na maneira de ver as coisas.

*A doutrina da Trindade só foi introduzida na Igreja depois da morte de Ellen G. White.*²³

Os fatos contradizem essa declaração. Conforme já vimos, em 1897 e 1898, Ellen White ensinou que “em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada”.²⁴ Isso só poderia ser verdadeiro se Ele fosse Deus no mais elevado sentido e não derivasse

Sua existência do Pai. Sobre o Espírito Santo, ela falou aos estudantes do Colégio Avondale, em 1899: “Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos.”²⁵

No contexto da crise de Kellogg, em 1905, ela escreveu uma advertência aos obreiros da área médica, endossando a doutrina da Trindade: “O Pai é toda a plenitude da Divindade corporalmente, e invisível aos olhos mortais. O Filho é toda a plenitude da Divindade manifestada. ... O Consolador que Cristo prometeu enviar depois de ascender ao Céu, é o Espírito em toda a plenitude da Divindade, tornando manifesto o poder da graça divina a todos quantos recebem e creem em Cristo como um Salvador pessoal. Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.”²⁶

Somente alguém que cria nessa doutrina poderia falar de “três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste”. Antitrinitarianos não usariam tal linguagem. E mais: suas declarações causaram surpresa em muitas pessoas. M. L. Andreasen relata: “Lembro-me de quão atônitos ficamos quando *O Desejado de Todas as Nações* foi publicado, pois continha algumas coisas que achamos incríveis. Entre outras coisas, havia a doutrina da Trindade que não era geralmente aceita pelos adventistas de então.”²⁷

“Vi o próprio manuscrito de declarações que eu estava seguro de que ela não havia escrito – ou poderia não ter escrito. Fiquei especialmente perplexo com a familiar citação de *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 530: ‘nEle há vida, original, não emprestada, não derivada’. Naquele tempo, essa declaração era revolucionária e me compelia a uma completa revisão do meu antigo ponto de vista – e o da denominação – sobre a deidade de Cristo.”²⁸

Tudo isso aconteceu muito antes da morte da Sra. White. De modo que não pode ser sustentada a afirmação de que somente depois disso a doutrina da Trindade foi introduzida na igreja.

O livro *Evangelismo tem sido manipulado para apoiar a doutrina da Trindade*.²⁹

As mudanças editoriais encontradas no livro *Evangelismo* não alteram o significado das declarações. Dois exemplos poderiam ser suficientes para provar isso: 1) “Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos.” Allaback expõe o contexto mais amplo dessa afirmação:

“O Senhor nos instruiu que este era o lugar que deveríamos adquirir, e temos todas as razões para pensar que estamos no lugar certo. Temos sido conduzidos juntos como uma escola, e necessitamos compreender que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos, que o Senhor Deus é nosso guardador e ajudador. Ele ouve toda palavra que proferimos e conhece todo pensamento da mente.”³⁰

Na opinião de Allaback, o fato de que a sentença no livro *Evangelismo* começa no meio da citação original, e a vírgula depois de “terrenos” é substituída por um período, muda o significado da declaração. Eis o seu raciocínio: “O significado original e intencional da citação não é provar que o Espírito Santo é um outro Deus, junto com o Pai e o Filho. Ao contrário disso, o Senhor que “nos instruiu”, “o Espírito Santo” que “está andando por esses terrenos”, “o Senhor Deus” que “é nosso guardador e ajudador”, e que “ouve toda palavra e conhece todo pensamento”, é uma e a mesma pessoa – o glorificado Jesus Cristo... Ellen White está dizendo a mesma coisa que a Bíblia. Jesus “é tanto uma pessoa” como Deus o Pai “é uma pessoa”. Jesus “está andando por esses terrenos”. Jesus “é nosso guardador e nosso ajudador”. Jesus “ouve toda palavra que proferimos e conhece todo pensamento da mente”.³¹

Assim, Allaback identifica o Espírito Santo com o Senhor Deus e recusa compreender que há duas pessoas referidas na citação. O panfleto dá ao Espírito Santo três diferentes identidades, na vã tentativa de provar que Ele não tem existência pessoal. Na citação em apreço, ele identifica o Espírito Santo com Cristo. Na página 62 do panfleto, ele identifica o Espírito Santo com o Pai e, na página 65, com os anjos. Ele escreve que “o termo ‘Espírito Santo’ ou ‘Espírito’ nessas ‘três’ citações está incluindo (não excluindo) o ministério dos anjos como o ‘terceiro’ poder no Céu.”³²

2) “O Pai é toda a plenitude da Divindade corporalmente, e invisível aos

olhos mortais. O Filho é toda a plenitude da Divindade manifestada... O Consolador que Cristo prometeu enviar depois de ascender ao Céu é o Espírito em toda a plenitude da Divindade, tornando manifesto o poder da graça divina a todos quantos recebem e crêem em Cristo como um Salvador pessoal. Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.”

Allaback argumenta que essa declaração é mal interpretada. Não aceitando que haja três pessoas em um Deus, ele cria uma paráfrase para dar sua interpretação. A sentença “Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste” é parafraseada desta maneira: “Aqui vemos os três grandes poderes do Céu que manifestam, representam e personificam Deus o Pai. 1) O próprio Deus Pai, 2) o Filho como um representante do Pai e 3) o Espírito Santo de Deus e Cristo trabalhando em e através dos santos anjos, personificando Seu caráter na humanidade perdida.”³³

É triste ver como uma sentença tão simples é reinterpretada para significar algo completamente diverso do que ela diz.

A Trindade é uma doutrina pagã.

A doutrina da Trindade está fundamentada nas Escrituras, não em religiões pagãs ou filosofias humanas. Grupos triádicos em outras religiões, como Brama, Siva e Visnu, no hinduísmo; Osíris, Ísis e Horus, na religião egípcia; ou Ninrode, Ishtar e Tammuz, em Babilônia, estão baseados no conceito familiar – pai, mãe e filho – que não é o caso na religião cristã. Se há qualquer paralelismo, deve ser visto como uma contrafação satânica, assim como encontramos no Apocalipse: o dragão, a besta e o falso profeta.

A doutrina da Trindade é católica romana em sua origem.

Embora a doutrina tenha sido formulada no Concílio de Nicéia, em 325 a.D., o conceito de Trindade é bíblico. O Concílio convocado pelo imperador Constantino reuniu-se em Nicéia, Ásia Menor, para tratar da controvérsia ariana. De 318 bispos, apenas oito eram

do Ocidente; o restante era de igrejas orientais, onde o bispo de Roma tinha bem pouca influência. Aliás, ele mesmo não estava presente, tendo enviado dois sacerdotes para representá-lo. Isso contradiz o clamor de que a Trindade é de origem católica.

Em suma, modernos adventistas antitrinitarianos invocam a idéia inicial dos pioneiros em relação à Trindade. Eles crêem que somente depois da morte de Ellen White essa doutrina entrou na igreja, e que seus livros têm sido manipulados e alterados para favorecê-la. Entretanto, as evidências aqui analisadas não apoiam essa idéia. Embora a Trindade seja um mistério divino que nenhum mortal compreende plenamente, a evidência escriturística mostra a igualdade e coexistência eterna de três pessoas na Divindade. Embora o raciocínio humano não possa entendê-la, podemos aceitá-la pela fé. ❧

Referências:

- ¹ *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, “Bible Students’ Library”.
- ² M. L. Andreasen, *The Book of Hebrews* (Review and Herald, 1948), p. 115-124.
- ³ Samuel Spear, “The Bible doctrine of the Trinity”, *New York Independent*, 14/11/1889, p. 9, 7.
- ⁴ *Signs of the Times*, 08/04/1897.
- ⁵ Citado em *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 296.
- ⁶ *O Desejado de Todas as Nações*, p. 469, 470.
- ⁷ *Ibidem*, p. 530.
- ⁸ *Manuscript 101*, 1897; *Manuscript Releases*, v. 12, p. 395.
- ⁹ *GC Committee Minutes*, 29/12/1930, p. 195.
- ¹⁰ *Seventh-day Yearbook*, 1931.
- ¹¹ *Nisto Cremos*, p. 32.
- ¹² *Ibidem*, p. 56.
- ¹³ *Ibidem*, p. 87.
- ¹⁴ Lynnford Beachy, *Did They Believe in the Trinity* (1966), p. 1.
- ¹⁵ Fred Allaback, *No New Leaders ... No New Gods!* (Creel Spring, Ill, 1995), p. 38.
- ¹⁶ *Ibidem*, p. 100.
- ¹⁷ *The Day-Star*, 21/01/1846.
- ¹⁸ *Review and Herald*, 12/10/1876.
- ¹⁹ *Ibidem*, 29/11/1877, p. 72.
- ²⁰ *Ibidem*, 14/04/1896, p. 232.
- ²¹ *1919 Bible Conference Transcripts*, 06/07/1919, p. 58.
- ²² *Ibidem*, p. 62.
- ²³ Fred Allaback, *Op. Cit.*, p. 11.
- ²⁴ *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.
- ²⁵ *Evangelismo*, p. 616.
- ²⁶ *Ibidem*, p. 614, 615.
- ²⁷ Citado em Russel Holt, “The doctrine of the Trinity in the Seventh-day Adventist denomination” (Andrews University, 1969), p. 20.
- ²⁸ Testemunho de M. L. Andreasen, 15/10/1953, DF 961.
- ²⁹ Fred Allaback, *Op. Cit.*, p. 69, 70.
- ³⁰ *Manuscript Releases*, v. 7, p. 299.
- ³¹ Fred Allaback, *Op. Cit.*, p. 69.
- ³² *Ibidem*, p. 65.
- ³³ *Ibidem*, p. 71.

Evangelismo além da amizade



Aleksandar S. Santrac

Pastor e professor de
Teologia em Paris

*A missão
evangelizadora
é uma guerra
entre Cristo e
Satanás, na
qual estamos
empenhados
em conquistar
território para
Cristo*

No sentido filosófico, o pós-modernismo poderia ser resumidamente descrito como “negação da realidade de um mundo unificado como objeto de nossa percepção... Os pós-modernos rejeitam a possibilidade de construir uma única visão correta de mundo e se contentam apenas em falar de muitas visões, e, por extensão, muitos mundos”.¹ É um leque de idéias filosóficas, sociológicas, hermenêuticas, históricas, antropológicas e éticas. Um dos seus postulados fundamentais é a busca de respostas em muitas fontes. Devido às suas várias formas, muitos vêem o pós-modernismo como uma ameaça. Outros o vêem como a solução para todos os problemas.²

Ainda inconscientes do fato de que uma nova era histórica teve início, nós resistimos ao *deslocamento* da condição humana – uma rejeição pós-modernista contemporânea das mundivisões da civilização ocidental. Ainda resistimos à *descentralização do eu* (ou descentralização do ego, uma expressão favorita de Foucault e outros pós-modernos) e, portanto, não queremos admitir que entramos na era pós-moderna há muito tempo.

A ambivalência da *chegada* do pós-modernismo é também a ambivalência de seu conteúdo. Na verdade, ninguém sabe, finalmente, o que é pós-modernismo. É uma crítica ao modernismo? É uma extensão amadurecida do projeto modernista? É o desenvolvimento de uma nova visão mundial? É tudo isso junto?

Mentalidade pós-moderna

O pós-modernismo rejeita as premissas do modernismo. Do ponto de vista histórico, é óbvio que uma tendência filosófica é substituída por outra. Michael Epstein afirmou: “O pós-modernismo é o estado de cultura que substitui a nova era e lança ao passado o projeto modernista, cujos fundamentos foram o valor do conhecimento realístico, a ação racional e autoconsciente do indivíduo e a força individual na organização consciente da humanidade.”³

As características do projeto modernista, descritas por Epstein, pertencem à chamada Era do Iluminismo, na qual a razão prevaleceu através da prosperidade ativa da ciência e da tecnologia. Uma das reações práticas e intelectuais a essa forma de modernismo foi o romantismo do século 19. O século 20 foi caracterizado pelos “ismos” do agrupamento das mais recentes visões do mundo (marxismo, fascismo, positivismo, existencialismo, niilismo, etc.).

Visto historicamente, o pós-modernismo surgiu no vácuo de todas essas tendências, amadurecendo nos anos 70, quando realmente surgiu, na França, o espaço para suspeição generalizada em relação a racionalismo, progresso e verdade objetiva. O projeto modernista dos “ismos” racionais, a crença geral no progresso da raça humana e a crença em uma verdade objetiva são coisas ultrapassadas, na visão pós-modernista.

Talvez, a maioria dos cristãos não compreenda a essência do pós-modernismo no sentido filosófico. Aliás, muitos nem mesmo ouviram falar de Foucault, Derrida, Lyotard ou Baudrillard. Entretanto, a igreja vive em um novo ambiente cultural, formado e modelado pela filosofia pós-modernista, ou seja, a pós-modernidade. Trata-se de uma

ampla matriz cultural de pensamento e comportamento; um estilo de vida, não simplesmente um conjunto de crenças. Esse estilo de vida – nosso modo de ser, conhecer e agir – é modelado pela televisão, internet e a globalização, entre outros instrumentos.

Realidades virtuais

Neil Postman afirmou que “a televisão conquistou o *status* de ‘meta-mídia’ – uma instituição que dirige não apenas nossa compreensão do mundo, mas nossa compreensão da maneira de entendê-lo”.⁴ Inconscientes dessas pressuposições filosóficas, milhões de pessoas têm experimentado uma transformação em sua maneira de perceber e avaliar a informação. Como disse Jacque Ellul, “a realidade visionária de imagens conectadas não pode tolerar o discurso, a explicação ou reflexão críticos... [a atividade cognitiva] pressupõe uma certa distância, ou afastamento, das cenas, considerando que as imagens requerem que eu esteja continuamente envolvido nelas”.⁵ Em lugar da palavra, a imagem se tornou a efetuação do modo pós-moderno de conhecimento. O pensamento reflexivo foi descartado. Aparência

e superficialidade reinam sobre a essência e a profundidade do pensamento. O mundo se tornou virtual.

A internet modificou a vida no mundo ocidental; as vias modernistas de informação e comunicação têm sido substituídas por vias pós-modernistas. Na “tela mental” do monitor do computador, está ocorrendo “a morte da metáfora”. O que uma vez foi projetado como concepção mental tem, agora, se tornado espaço antimetáforico de simulação absoluta, através da internet. A internet está se tornando um mundo absoluto em e por si mesma. O que deveria ter sido um “mapa de realidade” tem se tornado realidade. Ligado a isso, nós nos perdemos e nos tornamos máquinas.

A pós-modernidade tem o objetivo preciso de desvalorizar e depreciar a importância da verdade absoluta. Pensamento e reflexão são substituídos pela superficialidade artificial da realidade, simbolizada pela imagem. Indubitavelmente, a pregação do evangelho nessa nova contextualização necessita reconsiderar a televisão, a internet e a perspectiva global como meios para conquistar o mundo para Jesus. Por outro lado, temos que confrontar a seguinte questão: Têm essas mudanças culturais realmente criado uma nova contracultura, incompatível com a fé cristã?

Comunidade e mistério

O pós-modernismo nega a existência de Deus, no sentido bíblico. A realidade objetiva e o critério objetivo para a verdade e a moral são rejeitados. Portanto, ninguém pode assumir que

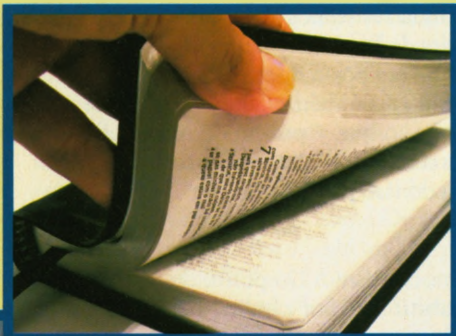
existe qualquer compatibilidade teórica entre as visões cristã e pós-moderna da realidade. Se os filósofos pós-modernos falam a respeito de Deus, dizem que Deus, à semelhança do mundo, é virtual. Segundo Baudrillard, Ele não tem direito de ter critério objetivo para nosso pensamento e nossa vida, porque também se encontra no campo da simulação. Conseqüentemente, no mundo pós-moderno, Deus está completamente além das nossas obrigações morais e éticas.

Entretanto, existem conceitos similares (não compatíveis); porém, eles são usados em contextos completamente diferentes. Tomemos, por exemplo, as idéias de *comunidade* e *mistério* tão freqüentemente apontadas como sendo compatíveis com o cristianismo. Quando os filósofos e teólogos pós-modernos falam sobre assentimento comum à verdade, enfatizam a influência cultural em nosso conhecimento da verdade. A verdade é conhecida exclusivamente dentro da comunidade de alguém; a perspectiva dessa comunidade é a única verdade conhecida.⁶ Por causa da nossa personalidade comum, cada verdade aceita é subjetiva e cultural; jamais objetiva.

Ao contrário disso, quando, como cristãos, nos referimos à comunidade, estamos falando sobre compreensão e apropriação comum da verdade objetiva de Deus nas Escrituras. Como comunidade, não aceitamos o pluralismo da fé subjetiva ou cultural, como fazem os pós-modernos. Em lugar disso, aceitamos uma única verdade objetiva, que é revelada no Cristo das Escrituras. Filosoficamente falando, o conceito de comunidade no cristianismo não é metafísico, mas epistemológico.

No que tange ao *mistério*, os pós-modernos o vêem como algo completamente irracional, ou mesmo anti-racional. Os modos de conhecimento se tornam os meios de questões misteriosas e intuitivas para a verdade. Por outro lado, os cristãos crêem nos poderes da razão e da racionalidade no conhecimento da verdade como ela é em Cristo (Rm 1:21, 22). Na verdade, Cristo é um profundo mistério, mas não ao ponto de não poder ser aceito pela razão.

Isso pode ser visto em Colossenses 2:2, 3, onde Paulo expressa o desejo de que seus destinatários compreendam “plenamente o mistério de Deus, e Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão



ocultos”. Ao contrário dos pós-modernos, o apóstolo não dissocia conhecimento e mistério, porque Cristo, como mistério, é um mistério revelado, alguém conhecido e experimentado.

O mistério de Deus e Seu Espírito é supra-racional, jamais completamente compreendido pelos seres humanos. Portanto, a idéia de mistério na Bíblia nunca é isenta do conhecimento e racionalidade humana.

Amor como tolerância

Não possuindo a certeza dos crentes, os pós-modernos têm a seguinte máxima: “Nós não nos moveremos da falsa certeza à verdadeira incerteza”. Um conhecimento das Escrituras, com textos inspirados, para desenvolvimento das doutrinas da igreja (sobre as quais nos levantamos ou caímos, como comunidade e como discípulos de Cristo), não é algo ultrapassado. Isso significa que imagem e símbolo não são tudo o que devemos oferecer aos pós-modernos. O apóstolo Paulo disse que Cristo é a imagem do Deus invisível (Cl 1:15), mas essa é uma imagem da revelação da verdade. Assim, não se trata de imagem conforme a compreensão dos pós-modernos – a superfície da realidade sem significado permanente.

Até o “amor” é compreendido de modo diferente. Na cultura pós-moderna, amor sempre é tolerância, isto é, uma teoria segundo a qual, basicamente, ninguém tem o direito de crer em verdade objetiva. Se alguém deseja ser aceito em amor, necessita aceitar a idéia da verdade subjetiva, porque, segundo a cultura pós-moderna, a verdade objetiva ameaça, julga, exclui e até persegue. Como diria Foucault, “o ato de conhecer (a verdade) é sempre um ato de violência”.⁷

Na Bíblia, quando Cristo falou a respeito de tolerância, jamais negou a existência da verdade objetiva – Ele mesmo e Seus ensinamentos. Se aceitamos a idéia de uma verdade objetiva que conhecemos através do verdadeiro Espírito (aceito subjetivamente), e ainda desejamos ser tolerantes e humildes para com todos os seres humanos, incluindo os pós-modernos, estamos trilhando o mesmo caminho de Cristo e Sua cruz.

Cuidado para não se comprometer

Assim, é importante não repetir o engano da igreja primitiva. Os pais da

igreja não reconhecem que evangelismo para os pagãos não é evangelismo para uma cultura parcialmente compatível. Na verdade, foi evangelismo na contracultura da filosofia e mitologia grega, que eram radicalmente opostas à verdade bíblica. Agostinho cometeu esse tipo de engano e criou uma “teologia filosófica”, que não era baseada na Bíblia, porém, era mais uma forma de “liberalismo descuidado”,⁸ contra o que Ellen G. White adverte.

Relacionamentos, amizade, amor e cuidado pelo semelhante são muitíssimo importantes para todo discípulo de Cristo, mas não são tudo o que representa o cristianismo. É verdade que os pós-modernos querem manter relacionamentos profundos, mas não é verdade que seu senso de um sistema de crenças necessariamente deva ocorrer depois do senso de pertinência. Crença e pertinência formam um dueto. Em nossos esforços evangelísticos devemos alcançar as pessoas onde elas estão, sem assumirmos que elas pertencem a categorias definidas de indivíduos que desejamos evangelizar. É por isso que, às vezes, usamos artifícios ao falarmos de evangelismo em sentido estratégico, porque toda estratégia é parcialmente humana, portanto, falível.

Uma estratégia de evangelismo devia apontar semelhanças e compatibilidades com a cultura popular; entretanto, se o conteúdo da fé cristã for reduzido às expectativas dos pós-modernistas (ou modernistas, ou qualquer outro grupo ou sistema de crenças), colocamos em risco a mensagem de Cristo e o poder da “verdade presente”. Se utilizarmos linguagem pós-moderna ou vocabulário não ameaçador, nunca deveremos fazer isso às expensas da verdade como revelada na Palavra de Deus.

Algumas vezes, ouve-se que a criação de relacionamentos – evangelismo da amizade – tem maior valor que o evangelismo público doutrinário. Porém, o fato é que Cristo fez as duas coisas. Em nossas estratégias humanas, jamais deveríamos diminuir as estratégias de Cristo e Seus valores na missão. Os pós-modernos necessitam de evangelismo doutrinário. Sem isso, existe o perigo de as pessoas pensarem que comunidade, amor e relacionamentos são tudo no cristianismo. Afinal, assim lhes foi apresentado. Desse modo, a igreja se torna um porto seguro humanitário, provedor

de conforto psicológico que outras agências comunitárias também podem oferecer. Paulo não se fez de “insensato” (1Co 12:11), viajando pelo Império romano, primariamente para “fazer amigos”. Ele o fez para pregar a verdade.

Na missão evangelizadora, que é uma guerra frontal entre verdade e erro, luz e trevas, Cristo e Satanás, estamos realmente empenhados em conquistar “territórios” para Jesus Cristo. Na contracultura, devemos utilizar as “contrarmas” e elas são o poder da verdade de Cristo, o amor e a amizade que Sua Palavra modela. Isso é possível somente através de profunda conversão e reavivamento da comunidade de fé, operados pelo Espírito, não por sabedoria estratégica. Se a missão de Cristo fosse desempenhada com a preocupação de não usar “vocabulário chocante”, por que Ele usaria tão frequentemente expressões como “inferno” para falar do destino final dos impenitentes? É certo que a verdade tem que ser proclamada em amor e humildade, mas também com poder e convicção. Não raro, tentamos minimizar os requerimentos da fé, com o argumento de que é preciso criar um ambiente “seguro” que não escandalize os pós-modernos. Essa não foi a estratégia de Cristo.

Em suma, vivendo na contracultura da pós-modernidade, como discípulos de Cristo, primeiramente devemos exaltar e defender os ideais cristãos de crença, reavivamento e discipulado, enquanto, ao mesmo tempo, criamos um ambiente que atraia homens e mulheres necessitados de aceitação e amizade. Alicerçados na Palavra de Cristo e no poder do Seu Espírito, podemos fazer as duas coisas. ❧

Referências:

- ¹ Stanley J. Grenz, *A Primer on Postmodernism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Pub. Co., 1996), p. 40.
- ² David S. Dockery, *The Challenge of Postmodernism* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), p. 13.
- ³ Michael Epstein, *The Origins and Meaning of Russian Postmodernism* (National Council for Soviet and East European Research, 1993), p. 91.
- ⁴ Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death* (Nova York: Penguin Books, 1985), p. 78, 79, citado em Douglas Groothuis, *Truth Decay* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 282.
- ⁵ Jacque Ellul, *The Humiliation of the Word* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), p. 142.
- ⁶ Richard Rorty, *Contingency, Irony, and Solidarity* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1898).
- ⁷ Stanley J. Grenz, *Op. Cit.*, p. 133.
- ⁸ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 129.

Sua igreja no rumo certo



Wladimir G. Souza

Pastor em
Belo Horizonte,
Associação Mineira
Central

*"Se formos
cristãos bíblicos,
seguiremos o
plano do Mestre
e trabalharemos
em grupos"*

Em sua primeira carta aos cristãos de Corinto, no capítulo doze, o apóstolo Paulo fala da igreja, valendo-se do simbolismo de um corpo. A descrição é feita no contexto do ensinamento sobre os dons espirituais, recebidos e exercidos de forma harmoniosa e interdependente pelos crentes, assim como os membros de um corpo têm funções diferentes, mas atuam conjuntamente em função do bem-estar orgânico integral. Escreve o apóstolo: "para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros... Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo" (1Co 12: 25, 27).

Como participantes da comunidade de fé, todos os crentes recebem dons espirituais, a fim de desempenharem, unidos, diversos ministérios. Ser cristão é ser membro ativo do corpo simbólico de Cristo. Isso significa que o crente deve ser incluído em um grupo, ou ministério de serviço útil no reino de Deus. Na visão paulina, bem como em toda a Bíblia, não existe a idéia de que um membro seja batizado e sobreviva à parte do corpo. Ao contrário, todos devem ser envolvidos em atividade útil, delegada pelo Espírito Santo, que é o administrador da igreja.

Já de início, não é difícil concluir que o desempenho dos dons espirituais na igreja, através de ministérios organizados, é a base para a construção de uma comunidade espiritual sólida e frutífera.

Podemos definir ministérios como sendo pequenos grupos relacionais de serviço, nos quais se procura comunhão acolhedora, e onde o prazer de participar e realizar o bem se torna a mola propulsora da vida cristã. Em vez de o pastor centralizar a liderança, um sistema de ministérios distribuirá responsabilidades. Jesus exemplificou perfeitamente essa atitude.

Por onde começar

"O fato de que Jesus sempre ministrou em grupo e sempre enviou Seus discípulos em grupos de pelo menos dois deveria nos fazer pensar seriamente sobre nosso método de trabalhar sozinhos. Se formos cristãos bíblicos, seguiremos o plano do Mestre e trabalharemos em grupos, assim como Jesus nos ensinou. Por que parece ser tão estranho fazer exatamente como Jesus nos instruiu a fazer?"¹

O primeiro passo nessa direção é a descoberta dos dons existentes na congregação. Em seguida, é preciso ministrar treinamento a seus possuidores e planejar a utilização desses dons. "Onde quer que comecemos o desenvolvimento da igreja utilizando os dons que já existem, estamos começando com o tesouro que Deus deu à igreja. Por isso, tal processo é alegre e libertador... Os cristãos não têm que fazer tudo, mas têm de fazer aquilo para o que Deus os capacitou e chamou para fazer."²

Porém, de nada valerá a descoberta dos dons espirituais se, em primeiro lugar, a mentalidade e a forma de se compreender a igreja bem como a vida cristã não estiverem conectadas à visão do Novo Testamento. Para que isso aconteça, deve haver um esforço consciente e dirigido para a mudança de paradigmas ultrapassados. A "nova" visão deve ser partilhada constantemente. Caso esse processo seja desprezado,

todo o programa eclesialístico estará sujeito ao fracasso. Os membros da igreja pensarão que tudo não passa de “mais um programa”, como tantos outros que surgem e desaparecem, conforme os pastores são transferidos de igreja.

Geralmente, todo movimento em direção a mudanças nos métodos de trabalho encontra alguma resistência inicial, manifestada nas seguintes formas: *Tradicionalismo*, expresso em declarações como: “As coisas sempre foram feitas assim; por que temos de mudar?”, *medo do novo*, presente em interrogações como estas: “Será que este programa não é errado? Será que não vai contra os princípios da igreja? Não estaremos facilitando o surgimento de dissidências?”, ou *comparação com outras denominações*. Nesse caso, alguns dizem: “Estas idéias parecem coisa de pentecostalismo, congregacionalismo”, e assim por diante.

Alguns membros ainda perguntarão: “Será que estivemos errados o tempo todo?” Desse modo, revelam desconhecimento de que os métodos utilizados simplesmente se tornaram obsoletos, necessitando ser substituídos por métodos adequados às exigências da atualidade.

Da teoria à prática

Feitos o inventário dos dons e treinamento dos crentes, é preciso estabe-

lecer o propósito da existência da igreja no bairro ou cidade, através de uma declaração de missão específica. Declarações como “pregar o evangelho”, “levar a mensagem” soam genéricas. Uma declaração de missão deve conter o alvo proposto e os meios pelos quais ele será perseguido. Em uma pequena igreja de nosso distrito, em Belo Horizonte, estabelecemos a seguinte declaração de missão: “Levar salvação à comunidade de Nova Vista, através da evangelização e do serviço social.”

O passo seguinte é o estabelecimento de uma visão panorâmica do trabalho a ser realizado. Essa visão consiste em especificar o público-alvo a ser alcançado, os objetivos que se pretende alcançar, os programas que serão desenvolvidos com esse propósito e os ministérios envolvidos no trabalho. Cada ministério deve reunir os indivíduos especificamente dotados. Por exemplo, quem possui o dom da hospitalidade deve ser posto em atividades que permitam o contato com outras pessoas. Quem tem o dom de ensinar deve ensinar, o evangelista deve evangelizar, e assim por diante. Cada conjunto de dons irá cumprir sua missão de modo específico, complementando mutuamente o trabalho.

Caso alguém seja indicado a realizar uma tarefa para a qual não se sente habilitado, não podemos esperar entusiasmo nem resultados compensadores. Por essa razão, é extremamente necessário que estejamos atentos a fim de colocarmos as pessoas certas nos lugares certos, oferecer-lhes treinamento adequado, inspiração, equipamento, além de supervisão constante.

“Os ministérios da igreja se abrem como oportunidades para que todos os crentes cresçam no exercício de sua mordomia, fraternidade, generosidade e serviço em favor dos que sofrem. O aproveitamento dessas oportunidades não desviará a igreja do dever de proclamar o evangelho; ao contrário, a fortalecerá no exercício dessa tarefa.”³

Na formação de ministérios, é importante prestar atenção a situações que possam comprometer o trabalho. Por isso, o pastor deve realizar reuniões de avaliação, troca de idéias, motivação, oração, que podem acontecer num ambiente de confraternização social que fomente a amizade e o companheirismo. Pequenos gestos da parte do pastor representam grande ajuda e incentivo às pessoas envolvidas no trabalho. Exemplos disso é o envio de uma mensagem especial no dia do aniversário de cada pessoa, além do reconhecimento público, em toda oportunidade que se apresente, pela dedicação e pelos resultados conseguidos.

Em suma, a fim de colocar a igreja no rumo certo da missão, arregimentando os diversos ministérios existentes, é preciso que o líder tenha em mente os seguintes pontos:

- ♦ Conteúdo direcionado para um fim concreto, com propósitos definidos pelos participantes de cada ministério, fomentando assim a mentalidade de posse do projeto.
- ♦ Treinamento para o desempenho das funções.
- ♦ Prazo para início e término.
- ♦ Avaliação periódica, em constantes reuniões formais e informais.
- ♦ Orçamento disponível.
- ♦ Reconhecimento público aos participantes, pelos serviços prestados.

Finalmente, é oportuno refletirmos sobre as palavras do pastor Jan Paulsen, presidente mundial da Igreja Adventista, quando ele disse o seguinte: “Algumas vezes, fico admirado de que nós podemos estar mais inclinados a observar a parede em nossa retaguarda, examinando-a, reparando eventuais brechas, que focalizando a direção para onde devemos avançar. É aqui que sinto o dever de lembrar a todos: a única vida que temos para viver é a que está diante de nós”.⁴

É imprescindível que nos programemos para fazer a igreja avançar.

Referências:

- ¹ Russel Burril, *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 59.
- ² Christian A. Schwarz, *Mudança de Paradigma na Igreja*, (Curitiba, PR: Evangélica Esperança, 1999), p. 185.
- ³ Miguel Bemui Contreras, “Mobilizando a igreja para servir”, *Ministério*, março-abril 2007, p. 11.
- ⁴ Jan Paulsen, “A igreja do futuro”, *ibidem*, p. 17.

Fotos: William de Moraes, Daniel Oliveira e Eric Köhler



Ministério, mar./abr. 2008



A mensagem central do santuário



Clifford Goldstein

Editor da Lição da Escola Sabatina, para todo o mundo

Limitar o plano da salvação à cruz é minimizar a plenitude de tudo o que foi cumprido no Calvário

De acordo com a 23ª crença fundamental adventista do sétimo dia, “há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessor por ocasião de Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de Juízo Investigativo, que faz parte da eliminação de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expiação. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O Juízo Investigativo revela aos seres celestiais quem entre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de participar da primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, entre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a trasladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do segundo advento”.

Desde Êxodo 25:8 até Apocalipse 11:19, as Escrituras nunca se afastam do tema do santuário e as realidades implícitas em seus simbolismos. Desde a primeira ordem de Deus a Moisés: “E Me farão um santuário”, até a última visão de João sobre o lugar santíssimo no Céu, tudo, na história da salvação, encontra sua alma nos símbolos cristocêntricos do santuário e as verdades ensinadas através deles.

Perceba quanto dos primeiros cinco livros da Bíblia está ligado, direta ou indiretamente, ao tabernáculo no deserto. Observe quanto da história relacionada com a Terra Prometida de Israel, incluindo os reinados de Davi e Salomão bem como os que se seguiram está moldado no contexto do templo de Jerusalém. Depois do exílio babilônico, é difícil ignorar o fato de que o foco era o templo, mais precisamente a reconstrução e a restauração de sua liturgia. A partir do Êxodo, pouca coisa da história da salvação no Antigo Testamento faz sentido, à parte do ritual do santuário.

No Novo Testamento, a ênfase continua. O anjo Gabriel apareceu ao sacerdote Zacarias, no templo, e anunciou-lhe o nascimento de João (Lc 1). As palavras de João: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29) não teriam significado a menos que fossem compreendidas no contexto da teologia do santuário. Tanto no início de Seu ministério terrestre (Jo 2:12-22), como no início do celestial (Mt 21:12), Jesus Cristo focalizou o santuário celestial. Ele até Se referiu a Si mesmo como o Templo (Jo 2:22). Sua morte vicária por ocasião da Páscoa (Jo 19:14) junto com o paralelo que Paulo faz dessa morte com o cordeiro pascal (1Co 5:7) somente podem ser compreendidos em termos do santuário e seus rituais. Aliás, esse ponto é enfatizado pelo rasgar-se do véu que separava o lugar santo do santíssimo no templo,

quando Cristo exalou Seu último suspiro na Terra (Mc 15:38).

Então, temos o livro aos hebreus, que resume seus primeiros sete capítulos nestas palavras: “Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse Sumo Sacerdote tivesse o que oferecer. Ora, se Ele estivesse na Terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz Ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte” (Hb 8:1-5).

De todos os livros bíblicos, Hebreus é o único que estabelece a inseparável ligação entre Cristo e o santuário. Porém, eruditos têm mostrado ultimamente que, junto com esse livro, o de Apocalipse também foi estruturado ao redor do santuário. Conforme disse Dick Davidson, “não é exagero concluir que o último livro do Novo Testamento reúne as principais linhas da tipologia do santuário no Antigo Testamento, e as tece em uma intrincada e bela tapeçaria para formar o pano de fundo de todo o livro”.¹

Assim, os adventistas do sétimo dia crêem que estão solidamente fundamentados na Bíblia, no que tange à mensagem do santuário.

Relação com o julgamento

Na verdade, um fator crucial para a teologia adventista do sétimo dia é a mensagem do santuário e sua relação com o julgamento escatológico (Ap 14:6, 7). Essa é uma parte do ensinamento adventista sobre o santuário que se encontra sob a mais severa crítica, apesar da evidência bíblica confirmada por eruditos de muitas outras denominações.

Um rápido levantamento dos muitos textos bíblicos a respeito do julgamento revela a existência de algum tipo de julgamento final, tendo lugar ao se aproximar o fim do tempo (Mt 25:31-46; Rm 14:10-12; Dn 7:24-27). Frequentemente, esse julgamento é

diretamente associado com a segunda vinda de Cristo (Mt 16:27; Ap 22:12). Entre as pessoas que serão julgadas encontram-se os seguidores de Cristo (Mt 7:21-13; 22:1-13; 1Pd 4:17; Hb 10:30). Um elemento crucial nessa última prescrição de contas é nosso relacionamento com Jesus, revelado através dos atos de obediência (Mt 16:27; 25:31-46; Rm 14:10-12; Ec 12:13, 14; Ap 20:12).

No processo desse julgamento, ape-

“O Santuário nos apresenta o Juízo como parte do evangelho”

nas duas sentenças são apresentadas: o galardão para aqueles que herdarão o reino de Deus, preparado para eles “desde a fundação do mundo” (Mt 25:34), e o “castigo eterno” para os que rejeitarem o amor de Deus (v. 46). Mas, a Bíblia também aponta a existência de um julgamento antes da execução de qualquer sentença ou resultado previsto (2Co 5:10; Mt 22:1-13; 25:31-46; Ap 22:12). Esse conceito possui um peso extraordinário. Afinal, como pode ser decretada uma sentença, antes que um julgamento legítimo tenha avaliado determinada situação?

Deixando de lado a retórica, e com exceção de alguns detalhes como, por exemplo, o tempo, muitos cristãos crêem no Juízo, ou nos Juízos, de modo não muito diferente do que os adventistas crêem. Porém, os adventistas têm compreendido o Juízo no contexto do santuário. De fato, é assim que ele deve ser moldado, porque o santuário nos apresenta o Juízo como parte do evangelho – a única forma como ele deve ser ensinado.

Imagine que você fosse um antigo israelita vagueando 40 anos no deserto. Certamente, aprenderia a respeito do plano da salvação, através do santuário onde o evangelho era apresentado ao povo, por meio de tipos e símbolos. Agora, suponha que sua compreensão desse plano ficasse limitada apenas à morte do animal. Suponha também

que nada mais lhe fosse explicado, como, por exemplo, o ministério dos sacerdotes e o sangue dos animais mortos. Não seria sua compreensão do plano da salvação mais limitada que a de alguém que compreendesse não apenas a morte do animal, mas o ministério no tabernáculo com o sangue do animal e, particularmente, o ministério especial do Dia da Expição, ou dia de Juízo?

Quem tem maior entendimento da salvação: a pessoa cujo foco, interesse e compreensão fiquem limitados à morte dos animais, ou aquela cuja compreensão abrange não apenas isso, mas todo o ritual do santuário, começando com o sacrifício dos animais e culminando com o Dia da Expição? A resposta é óbvia.

Semelhantemente, aqueles cuja compreensão do plano de salvação é limitada apenas à cruz, desconsiderando tudo o mais que acontece a partir dali, incluindo o Juízo, pela própria natureza das coisas, têm uma visão limitada do que foi cumprido no Calvário. Era impossível a um israelita compreender plenamente a morte de um animal, sem compreender o ritual que se seguia. De igual forma, é impossível compreendermos, hoje, a cruz, sem compreendermos o ministério que lhe dá seqüência, e isso inclui o Juízo tipificado no ritual do Dia da Expição.

Não havia qualquer tensão, muito menos contradição, entre a morte dos animais (que simbolizava o sacrifício de Cristo na cruz) e o ministério do sumo sacerdote no lugar santíssimo, no Dia da Expição (símbolo do Juízo e seus propósitos finais). Os dois rituais – morte de animais e ministério do sumo sacerdote no segundo compartimento do santuário – não eram mutuamente opostos nem incongruentes. Como partes de um todo, eram aspectos fundamentais da mesma coisa: o plano da salvação.

Se a compreensão que uma pessoa tem sobre a morte dos animais causa conflito com seu entendimento sobre o ministério do segundo compartimento do santuário, ela está entendendo mal uma das duas coisas, ou ambas. Elas não são opostas entre si. Deus não as instituiu em contradição. Nesse caso, o problema não é o ritual, mas o entendimento que se tem a respeito dele.

O mesmo é verdade em relação aos acontecimentos do Calvário e o Juízo Pré-Advento. Qualquer suposto conflito entre essas duas realidades deve ser atribuído à má compreensão que alguém possa ter a respeito delas, ou de uma de-

las. Cada evento típico simplesmente ilustra um aspecto diferente do todo.

O Juízo e o evangelho

Por essa razão, o Juízo Pré-Advento, que é o antitípico Dia da Expição, deve ser estudado no contexto do evangelho, porque é isso que o modelo do santuário tipifica. No típico Dia da Expição, o sumo sacerdote nunca en-

trava no lugar santíssimo sem sangue. Era Dia da Expição, e somente o sangue expiava o pecado. Em Levítico 16, o elemento-chave é o sangue. Portanto, esse é o elemento salientado repetidamente. Depois de tudo, é o sangue, não a lei, que purifica o pecado e que faz expiação entre seres humanos e Deus.

Contudo, a verdade é que, ao tomarem conhecimento sobre o Juízo

Pré-Advento, muitas pessoas parecem querer entrar no lugar santíssimo sem dependência do sangue. Isso produz confusão e sérias lutas espirituais. No santuário típico, embora a lei estivesse na arca, dentro do lugar santíssimo, e fosse uma parte fundamental do ministério de Deus na vida de Israel, ela somente condena sem perdoar. Do ponto de vista divino, a expiação tem como objetivo perdoar, não condenar. A lei não tem qualquer função expiatória, perdoadora; ela não tem poder para salvar, expiar nem perdoar. A lei não tem mais poder para capacitar alguém a obedecer, do que tem um espelho para melhorar a face de qualquer pessoa. Esse é papel do sangue do Sacrifício.

A mensagem do santuário é: Cristo e Sua justiça, simbolizados pelo cerimonial do derramamento de sangue no Dia da Expição e em outros rituais de sacrifícios, é o que nos garante e sustenta através do julgamento. Sem isso, todos nós estaríamos perdidos, pois nenhum de nós, independentemente de nossos atos ou méritos, tem a justiça necessária para permanecer de pé diante de um Deus santo. Os rituais do santuário nos ensinam que, a menos que sejamos vestidos por uma justiça tão perfeita, que nenhum de nós possui nem pode ganhar, não importa quão sinceramente tente, permaneceremos em nossas próprias obras e justiça. Isso jamais satisfará aos requerimentos de Deus.

Felizmente, no centro da mensagem do Juízo Pré-Advento que, fundamentados em cuidadosa interpretação da profecia de Daniel 8:14, acreditamos ter-se iniciado em 1844, está o fato de que ninguém necessita permanecer em sua própria justiça. Podemos obter a justiça de Cristo Jesus. Essa justiça cobre qualquer indivíduo no momento em que, através de sua entrega a Cristo, ele suplica perdão e aceitação. E o acompanha, embora não incondicionalmente, através do julgamento: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1). Nenhuma condenação agora nem, certamente, durante o Juízo.

Vestis apropriadas

Talvez, o exemplo mais claro da cobertura que nos é proporcionada pela justiça de Cristo, no Juízo, é o da parábola das bodas (Mt 22:1-14). Depois que os primeiros convidados rejeitaram o convite, os servos foram enviados às



“encruzilhadas dos caminhos” para reunir tantas pessoas quantas pudessem encontrar, quer fossem boas ou más. Então, “a sala do banquete ficou repleta de convidados” (v. 10). “Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (v. 11-13).

Qual foi o fator determinante para a permanência ou a expulsão daquele homem na festa? A vestimenta que o anfitrião oferecera aos convidados – um costume daquele tempo e lugar. O ofensivo convidado foi à festa, mas rejeitou o que lhe fora oferecido. Ele aceitou o convite, mas não sua condição essencial: a vestimenta providenciada pelo anfitrião.

É importante notar que a parábola diz que “maus e bons” foram às bodas, sem especificar se o homem indignamente vestido era bom ou mau em si mesmo. Em certo sentido, nesta parábola, Jesus não faz distinção qualitativa entre os que atendem o convite para as bodas. O único fator distintivo, nas bodas como no Juízo, é se estamos ou não vestidos com o traje que nos foi suprido para a ocasião. O que todo convidado para as bodas necessita é a mesma coisa que necessitamos por ocasião do Juízo: algo para nos cobrir, proteger. De outro modo, seremos lançados para fora, onde há “choro e ranger de dentes”. Essa cobertura, que na parábola é simbolizada pelas vestes, é a justiça de Cristo, creditada pela fé a Seus seguidores, e que se torna a única segurança deles durante o Juízo.

O lugar das boas obras

Apesar disso, ninguém que leve a Bíblia a sério pode evitar a verdade central da realização de um julgamento com base nas obras. Qualquer tentativa de compreender o Juízo sem as obras nega um ensinamento básico das Escrituras. Porém, uma distinção fundamental deve ser feita: Ser julgados com base nas obras não significa ser salvo por meio delas. Facilmente, essa verdade tem sido distorcida por muitas pessoas.

Como isso funciona? A vida de um professo seguidor de Cristo é colocada diante de Deus, em julgamento: todo ato, todo pensamento secreto,

toda palavra negligente, tudo passado em revista (Mt 12:36; Ec 3:17; 12:14; 2Co 5:10; Rm 14:10-12; Sl 135:14; Hb 10:30). Quem pode subsistir diante de tal escrutínio? Ninguém (Rm 3:10, 23; Gl 3:22; 1Tm 1:15).

Entretanto, para os verdadeiros seguidores de Cristo, Ele Se ergue como seu advogado e representante, seu intercessor no Céu (Rm 8:34; Hb 6:20; 7:25; 9:24; 1Jo 2:1). E, embora eles não tenham nada em si mesmos nem de si mesmos para apresentar como méritos diante de Deus, embora não tenham feitos suficientemente bons para justificá-los diante do Senhor, sua vida, mesmo faltosa e defeituosa, revela verdadeiro arrependimento, obediência, lealdade e fé (Tg 2:14-20; 1Jo 4:20; 5:3; Jo 14:15; Mt 7:24-27). Como eles se têm relacionado mutuamente, como têm tratado o pobre, o necessitado, o prisioneiro; as palavras faladas, os frutos de sua vida, a obediência (Mt 7:2; 12:36, 37; 18:23-35; 25:31-46), embora nada disso possa justificá-los diante de Deus, nem responder aos elevados requerimentos da lei, revelam que aceitaram a Cristo como seu substituto, Sua única justiça, a qual os cobre com vestes de pureza, capacitando-os a enfrentar o julgamento (1Jo 2:1; Mt 22:1-14; Zc 3:1-5; Lv 16; Rm 8:1, 34; Hb 9:24).

“Porém, como eu posso saber”, alguém pode questionar, “se tenho a qualidade e a quantidade de obras que realmente revelarão que fui salvo pela fé?” Embora seja lógica, essa é uma questão erroneamente elaborada. Ela reflete a atitude daqueles que dizem: “Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres?” (Mt 7:22), ou a atitude do fariseu que orava, dizendo: “Ó Deus, graças Te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho” (Lc 18:11, 12).

Em lugar disso, em consonância com o enunciado e o conceito bíblico de que não temos boas obras suficientes para apresentar a Deus agora, nem em qualquer julgamento escatológico, devemos nos apoiar apenas nos méritos de Cristo Jesus, que morreu por nossos pecados e cuja vida e atos perfeitos nos são creditados pela fé. Ele é nossa única esperança de salvação, agora e no Juízo final.

É como Ellen White expressou: “Mas, conquanto devamos reconhecer nosso estado pecaminoso, temos de confiar em Cristo como nossa justiça, nossa santificação e redenção. Não podemos contestar as acusações de Satanás contra nós. Cristo, unicamente, pode pleitear eficazmente em nosso favor. Ele é capaz de silenciar o acusador com argumentos baseados não em nossos méritos mas nos Seus.”² Devemos repudiar a futilidade de confiar em nós mesmos, nossos méritos, e aprender a depender totalmente da misericórdia e dos méritos de Cristo. Então, cheios de amor e gratidão pela garantia da nossa salvação por meio dEle, vamos servi-Lo de todo o nosso coração, todas as nossas habilidades físicas, mentais, emocionais e espirituais.

“Não podemos contestar as acusações de Satanás contra nós. Cristo, unicamente, pode pleitear eficazmente em nosso favor.”

Então, o Juízo passa a ser, simplesmente, uma oportunidade para aplicarmos o evangelho em nossa vida. É o Dia da Expição, de Levítico 16, consumado em nosso favor. Separado do evangelho, o Juízo é como esse capítulo bíblico sem a presença do sangue remidor.

É verdade que, agora, vemos apenas uma parte, não o todo. Mas, na doutrina do santuário, um modelo do plano da salvação, Deus nos tem revelado a maior parte desse todo: a morte de Jesus Cristo e Seu ministério sacerdotal no Céu em nosso favor. Para nós, pecadores carentes de graça, agora e no Juízo Pré-Advento, essa revelação parcial é mais que suficiente.

Referências:

¹ Dick Davidson, *Symposium on Revelation – Book One* (Silver Springs, MD: Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos ASD, 1992), p. 126.

² Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 472.

Esperança que confunde



Douglas Reis

Capelão do Colégio
Adventista de Itajaí, SC

*A encíclica Spe
Salvi, do papa
Bento XVI,
vista sob uma
perspectiva
adventista do
sétimo dia*

No dia 30 de novembro do ano passado, o papa Bento XVI promulgou a segunda encíclica de seu pontificado. Intitulada *Spe Salvi*¹, a carta apostólica versa sobre a esperança cristã e seus efeitos na vida da comunidade da fé, em face de um mundo alienado de Deus. Os adventistas têm acompanhado as declarações papais na expectativa de que o quadro profético em que crêem (Ap 13) continue a se cumprir. Nesse sentido, a mais comentada encíclica foi a *Dies Dominis*, na qual o papa João Paulo II argumentava no sentido de fortalecer a observância do domingo.

Entre a *Dies Dominis*, datada de 31/05/1998, e a *Spe Salvi*, o cenário católico mudou. João Paulo II morreu e foi substituído pelo cardeal Joseph Ratzinger, que escolheu ser chamado Bento XVI. Embora sem o carisma de seu antecessor, Bento XVI logo tratou de impor sua versão tradicionalista do catolicismo, tanto em seus pronunciamentos como por seus escritos. Enquanto na *Dies Dominis* João Paulo II escreveu imitando o tom carinhoso do apóstolo João, Bento XVI disserta como teólogo.

Apesar de ganhar notoriedade em boa parte da mídia como um ataque ao secularismo e ao ateísmo, *Spe Salvi* focaliza suas considerações no viver cristão. Bento XVI analisa diversos textos bíblicos, principalmente escritos por Paulo, a respeito da natureza, do significado e propósito da esperança que Cristo nos trouxe. “Na esperança, fomos salvos” (Rm 8:24), eis o texto introdutório do papa.

Uma visão geral sobre a nova encíclica pode sugerir o exercício de uma teologia mais bíblica por parte do pontífice católico. Outro detalhe que salta aos olhos é a valorização de mártires de países sem maciça presença católica, com a provável intenção de fortalecer o catolicismo nesses territórios. Ratzinger cita a freira africana Josefina Bakhita (canonizada por João Paulo II) e Le-Bao-Thin, mártir vietnamita.

Com uma retórica temperada, entre a erudição e o apelo devocional, Bento XVI discorre sobre pontos comuns aos cristãos, conduzindo seu tema até introduzir posicionamentos e dogmas católicos.

Afetando o presente

Em sua dissertação, Ratzinger aponta para seu propósito: os cristãos sabem que “sua vida não acaba no vazio”. Enquanto o “racionalismo filosófico relegou os deuses para o campo do irreal”, o cristão tem a convicção de que “não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o Universo”.

A ciência, elemento poderoso e influente da modernidade, “pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos”. Contudo, tem potencial destrutivo, “se não for orientada por forças que se encontram fora dela”. Ela não oferece soluções ao anseio da humanidade por redenção, coisa que só o amor é capaz de realizar.

Para o pontífice, a fé nos concede “agora algo da realidade esperada, e esta realidade de presente constitui para nós uma ‘prova’ das coisas que se não vêem”. A substância das coisas futuras fica ainda mais confirmada por intermédio de Cristo. Por isso, o

“evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida”.²

O apóstolo Pedro nos conclama ao empenho para sermos achados em paz, sem culpa ou mancha, uma vez que estamos vivendo no contexto em que o Juízo começou “pela casa de Deus” e tendo em vista que esperamos “novos céus e nova Terra” (2Pd 3:13, 14; 1Pd 4:17). Assim, faz sentido que Bento XVI afirme: “A imagem do Juízo final não é primariamente uma imagem aterradora, mas de esperança [...] é uma imagem que apela à responsabilidade.”³ É inevitável aceitar que nossa esperança afeta o presente, a forma como vivemos, nossas atitudes, opiniões, critérios de julgamento e relacionamentos.

Mas, existem outras considerações questionáveis, feitas por Bento XVI, principalmente quando ele aborda a esperança da vida eterna.

Eternidade dinâmica

O papa menciona que a morte não é desejável, mas nos acomodamos a ela. Para ele, o aspecto positivo da morte é pôr um termo na vida que, caso se prolongasse indefinidamente, seria algo “fastidioso e, em última análise, insuportável”. Nem mesmo a Terra teria sido “criada com esta perspectiva” de uma vida imortal. A antítese entre a rejeição da eternidade e a luta para prolongar a vida levam o papa a concluir que “não sabemos realmente o que queremos; não conhecemos esta ‘vida verdadeira’; e, no entanto, sabemos que deve existir algo que não conhecemos e para isso nos sentimos impelidos”. Sem considerar o material bíblico sobre o tema, Bento XVI ensaia uma solução filosófica:

“A única possibilidade que temos é procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, conjecturar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser,

ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria.”⁴

Por mais tocante que seja o estilo poético, há sérios problemas na definição de vida eterna como “o instante repleto de satisfação”. A qualificação “eterna” diz respeito não só à condição da vida, como também à sua extensão. Se a vida eterna fosse menos que literalmente eterna, teríamos de concordar que não haveria solução para o problema da morte. Ora, se algum resquício do pecado sobrevivesse à concretização do plano redentor, Deus não seria vitorioso no grande conflito. Porém, a promessa é de que “a morte já não existirá” (Ap 21:4).

A noção de vida eterna endossada por católicos e muitos protestantes é contaminada pelo pensamento grego. Eternidade acaba sendo entendida como tempo estático, do qual não se nota a passagem, ou mesmo como um dia contínuo. Essa concepção, se verdadeira, seria de fato “fastidiosa” e “insuportável”. No entanto, a Bíblia nos informa de quão concreta, ativa e estimulante será a vida eterna (Is 65:21-23). A eternidade, assim, não é tempo que não passa, mas tempo que não se acaba. Sentiremos o tempo passar, mas continuaremos a aprender, estudar, produzir, criar, a nos relacionarmos e a adorar, crescendo à semelhança do Senhor, sem sermos limitados pelos aspectos negativos do tempo, como a velhice e a morte.

Outro equívoco da esperança oferecida pela encíclica papal é o do purgatório. Segundo Ratzinger, podemos encontrar referências à “condição intermediária”, na qual “almas não se encontram simplesmente numa espécie de custódia provisória, mas já padecem um castigo”. É o caso de nos perguntarmos quão antigas são as referências judaicas a essa “condição intermediária”. Durante o período intertestamentário, por influência do pensamento grego, já era disseminada entre os judeus a idéia de uma alma imortal, que sofre castigos no outro mundo. Na *Spe Salvi*, faz-se menção a esse “judaísmo antigo”, citando o livro apócrifo de 2Mac 12:38-45, do primeiro século a.C.

Apelando às emoções, o papa descreve um amor que chega “até ao além”, que nos liga uns aos outros “para além das fronteiras da morte”, o que, segundo ele, constitui “uma convicção fundamental do cristianismo através de todos

os séculos e ainda hoje permanece uma experiência reconfortante”.

A certa altura, o papa admite que a doutrina do purgatório “se desenvolveu aos poucos na igreja ocidental”, o que, se analisado à luz da História, se mostrará mais como resultado da influência do paganismo do que como fruto de reflexão bíblica. A Escritura ensina que a morte é um fim temporário (Ec 3:19, 20; 9:5, 6, 10; Sl 115:17), diante da qual fecham-se as oportunidades, “vindo, depois disto, o Juízo” (Hb 9:27), culminando com a ressurreição dos justos e, mil anos depois, a dos injustos (Dn 12:2; Ap 20:40-6). Faltam dados bíblicos que aludem à existência de um purgatório.

Embora não tenhamos todos os detalhes relativos à vida na eternidade, não estamos sem luz quanto à volta de Jesus e os acontecimentos futuros (1Ts 5:1-4). Nossa esperança será sólida na medida em que estiver alicerçada na Bíblia e livre de amalgamações com a filosofia humana. Para os adventistas, o estudo das profecias, especialmente as de Daniel e Apocalipse, tem mantido o foco de nossa esperança em Jesus e naquilo que a revelação sobre os últimos acontecimentos descreve.

Mediação

Para ter acesso à esperança, de acordo com Ratzinger, o cristão tem de ser orientado por “pessoas que souberam viver com retidão”. Então, apresenta Maria como “estrela da esperança”; “mãe da esperança”. A Bíblia, entretanto, mostra Jesus como “autor e consumidor da fé”, em quem devemos fixar nossos olhos, durante a corrida espiritual (Hb 12:1, 2). Ele é nosso único Salvador e intercessor junto ao Pai (At 4:12; Ef 1:20, 21; 2:6; Hb 4:14-16; 8:1, 2; 9:15). Portanto, a intercessão dos santos é um obscurecimento da esperança cristã, jamais seu complemento.

Graças a Deus, nossa esperança não depende da tradição medieval ou da crença nos santos. Ela está fundamentada em Cristo Jesus. Somente estando nutridos por Sua Palavra somos fortalecidos para vencer os desafios impostos pelo mundo pós-moderno.

Referências:

- ¹ Ver <http://www.zenit.org/article-16906?l=portuguese>
- ² Bento XVI, *Spe Salvi*.
- ³ *Ibidem*.
- ⁴ *Ibidem*.
- ⁵ *Ibidem*.

Sob a proteção de Deus

Quando a tempestade da vida fere a alma; quando a sa-raivada da injustiça desce sobre nós para esmagar a confiança nos companheiros de viagem para o Céu; quando as torrentes da dúvida são derramadas para oprimir-nos o espírito; quando a enchente da adversidade transborda para submergir-nos no desânimo, é então que a alma deve estar ancorada na Rocha Eterna, a fim de não ser arremessada contra os recifes traiçoeiros; despedaçando-se no abismo do desespero.

Tempos de crise virão para cada sincero filho de Deus. Amigos nos darão as costas e nos abandonarão. Ato injusto serão praticados contra nós. Iniquidades porão à prova nossa fé.

Nessas horas de severa provocação, jamais devemos perder de vista o abençoado fato de que estamos servindo a Deus e não a homens. Se temos que prestar contas a alguém, é Àquele que conhece as sinceras intenções do coração quebrantado e oprimido. Ele compreende nossos problemas e perplexidades. Ele lê os motivos e aceita nosso trabalho e sacrifício.

Seu sorriso de aprovação descansa sobre nossa devoção. Ele nunca comete erros. Seus pensamentos para conosco são pensamentos de paz, de amor e de bondade. Nossa recompensa, bem como o sentimento de satisfação, vem dEle, não de homens. Louvores humanos não merecem confiança. Os que nos louvam hoje nos condenarão amanhã. Devemos viver acima da mera eleição dos homens.

Mesmo homens da igreja, às vezes, cometem erros; mas Deus, jamais. Ele vindicará o direito. Devemos cuidar para que Seu sorriso de aprovação repouse sobre nós, e deixar que os homens se enfureçam contra nós. Enquanto estivermos em comunhão com Deus, bem perto do Amigo, nada precisamos temer.

Leroy Edwin Froom

Treinamento via satélite



Tendo em vista a capacitação de líderes para o evangelismo da Semana Santa, a liderança do Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana realizará um programa de treinamento intensivo, no dia 1º de março. A programação será transmitida pelo canal executivo da TV Novo Tempo e contará com a participação dos pastores Erton Köhler, Jolivê Chaves e Edson Rosa, respectivamente presidente, diretor de Ministério Pessoal e diretor de Comunicação da DSA.

A partir da manhã daquele sábado, estão previstas apresentações de mensagens devocionais, palestras, entrevistas e testemunhos, com o objetivo de motivar e ins-

pirar os telespectadores no que tange ao envolvimento no evangelismo. "Todos os membros devem ser convidados e motivados a participar", sugere o pastor Jolivê, acrescentando: "Vamos abordar tudo o que se relaciona com o evangelismo da Semana Santa, seu caráter de sementeira e colheita, bem como sua continuidade em pequenos grupos e classes bíblicas."

Confira os horários da programação:

De 10h30 às 11h (horário de Brasília) – transmissão para a maior parte do Brasil, exceto para os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Rondônia, Roraima e Amapá, que serão alcançados entre 11h30 e 12h. A transmissão para o Acre será das 12h30 às 13h.

O treinamento propriamente dito será transmitido das 15h às 16h30 para todo o Brasil.

HISTÓRIA DA IGREJA PARA JUVENIS E ADOLESCENTES

O Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil lançou em janeiro deste ano a revista *Visionário Teen*. Trata-se de um periódico voltado para a história da igreja direcionado a juvenis e adolescentes. Com seções sobre a vida dos pioneiros, textos com curiosidades sobre o início do movimento adventista, atividades e brincadeiras, o material será disponibilizado exclusivamente no site do Centro White em formato PDF a cada três meses, totalmente gratuito.



Para obter a revista, o adolescente precisa acessar o site do Centro White (www.centrowhite.org.br) e poderá imprimir o seu conteúdo, a fim de guardar os textos e resolver as atividades que ele oferece.

Humor





OS SEGREDOS DA LIDERANÇA DE PAULO

Jeff Caliguire, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; 230 páginas;
tel.: (11) 5668-1700; www.mundocristao.com.br

O estilo de liderança do apóstolo Paulo, era singular. Ele jamais passou por MBA ou seminários sobre o tema. Porém, conseguiu reunir as mais diversas habilidades que hoje são consideradas fundamentais em pessoas responsáveis pela condução de uma equipe, em qualquer instituição, com resultados efetivos. Os conceitos de liderança, enunciados neste livro, ultrapassam os limites do tempo.

ENSAIOS APOLOGÉTICOS

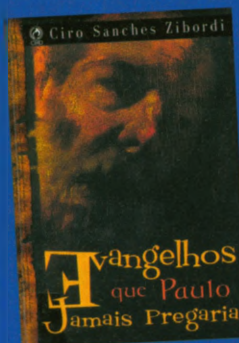
Francis J. Beckwith, William L. Craig e J. P. Moreland,
Editora Hagnos, São Paulo, SP; 470 páginas;
hagnos@hagnos.com.br



Em nossa sociedade fascinada pela espiritualidade, mas comprometida com o pluralismo religioso, a cosmovisão cristã enfrenta uma oposição sofisticada e agressiva. O compromisso prévio com a diversidade, com sua indispensável abertura e perspectiva relativista, tem levado muitos cristãos a crer que o cristianismo não pode ser a única verdade. Neste livro, os autores oferecem um estudo sólido em defesa da fé cristã.

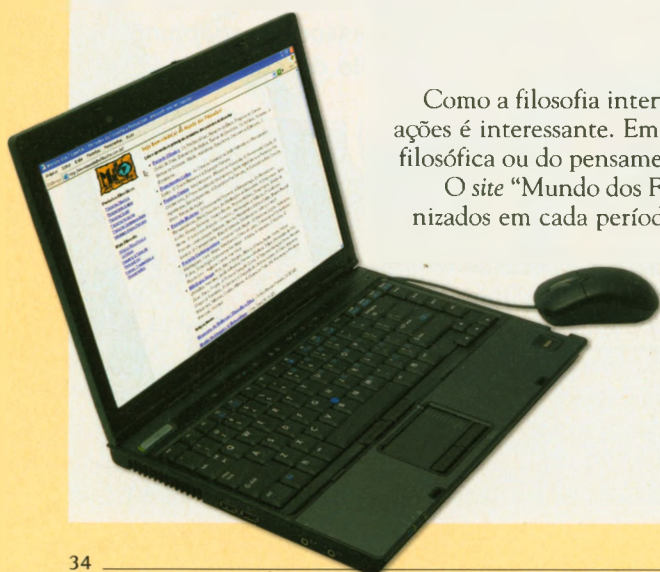
EVANGELHOS QUE PAULO JAMAIS PREGARIA

Ciro Sanches Zibordi, CPAD, Rio de Janeiro, RJ; 192 páginas; tel.: 088 701-7373.



Se Paulo nos fizesse uma visita, seria ele amado por defender o verdadeiro evangelho, ou o consideráramos *persona non grata*? Que reação ele teria, ao conhecer o “evangelho ecumênico”, cuja máxima é: “Mais importante é o amor que une, que a doutrina que divide”? Teria ele algo a dizer aos seguidores do “evangelho da prosperidade”? Confira neste livro.

VEJA NA INTERNET www.mundodosfilosofos.com.br



Como a filosofia interfere na compreensão e aceitação da religião, em algumas situações é interessante. Em outras, é necessário ter uma noção de determinada corrente filosófica ou do pensamento de um filósofo em particular.

O site “Mundo dos Filósofos” apresenta textos fáceis, não muito longos, bem organizados em cada período, e também uma excelente seleção de pensamentos e frases célebres de muitos filósofos, bem como imagens e fotos. Tem ainda uma coleção de bons artigos sobre filosofia, educação, ética, psicologia e cultura. Resumindo: é uma ótima fonte para quando precisar de algum recurso da filosofia.

– Márcio Dias Guarda



Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

Nosso alvo mais importante

Um dia desses, fui convidado, juntamente com minha família, para passar um feriado na casa de uma família amiga. Após o almoço, nosso anfitrião, que ainda não é membro batizado da igreja, contou-nos um pouco sobre seu trabalho. Ele tem uma função de chefia em uma importante instituição financeira do país.

Com entusiasmo, falava sobre como seu setor de atividades é dinamizado por metas; como ele e sua equipe se mantêm direcionados aos objetivos propostos. Após expressar a alegria de seu desempenho no alcance dos seus alvos de trabalho, ele me fez uma pergunta. No momento, percebi que todos se voltaram para mim. Existia mais que simples interesse na informação que minha resposta traria. Curiosidade seria a melhor descrição. A pergunta foi: "Ranieri, quais são as principais metas que um pastor de sua igreja precisa alcançar?"

A princípio, fiquei feliz pela oportunidade de enaltecer o ministério pastoral. Falei um pouco da dinâmica do trabalho de um pastor, do nosso programa de educação contínua e das habilidades de liderança e administração que o pastor precisa cultivar. Falei ainda sobre os desafios do crescimento da igreja, do avanço na pregação do evangelho e do nosso papel como formadores de discípulos. Comentei a respeito da organização dos departamentos da igreja e como o pastor é uma peça fundamental para o funcionamento harmonioso dos vários ministérios que a igreja exerce. Concluí minha exposição ressaltando o desafio que cada pastor tem para ser um pregador consistente. Falei um pouco sobre os difíceis passos no preparo de um sermão, desde a seleção do texto bíblico, passando pelas consultas aos comentários bíblicos, estudo do significado nos textos originais gregos e hebraicos e, finalmente, a apresentação da mensagem. Ao perceber os olhares de admiração, senti-me orgulhoso de ser pastor adventista.

Mas havia alguma coisa estranha. Apesar de minha impressionante descrição do ministério pastoral, eu mesmo me sentia insatisfeito. À noite, deitado em minha cama, comecei a me perguntar: "O que todo pastor deveria ter como meta em seu trabalho?" "Qual deveria ser, de fato, o alvo ou objetivo principal do pastor?"

Pude então perceber como é fácil nos equivocarmos em nossos conceitos de pastorado. Como é fácil nos deixarmos envolver pelas inúmeras atividades que temos que realizar, a ponto de perdermos de vista o objetivo final do ministério pastoral. Com muita frequência, somos tentados a nos concentrarmos nas ferramentas de trabalho como se elas fossem o fim e não o meio. O que pretendo dizer é o seguinte: estudo, visitação, administração, treinamento, pregação, liderança e todas as demais tarefas do ministério, são apenas o meio, os instrumentos, as ferramentas, para alcançar o que deveria ser nosso verdadeiro alvo: a maturidade espiritual da igreja.

Quando colocamos nosso foco nas atividades, e não no crescimento espiritual da igreja, facilmente nos sobrecarregamos de ocupações e compromissos, a ponto de negligenciarmos nossa própria saúde espiritual. Mas se, por outro lado, pomos a vida espiritual da igreja como a primeira meta do nosso ministério, sentiremos necessidade intensa de viver uma espiritualidade profunda.

Teremos em mente que o chamado para o pastorado é, antes de qualquer outra coisa, um chamado à santidade, conforme expressou Charles H. Spurgeon: "Seja qual for o chamado que um homem pretenda ter, se ele não foi chamado para a santidade, certamente não foi chamado para o ministério."

Prezado pastor, não permita que as ocupações do trabalho o façam perder de vista a essência do seu ministério. Não permita que as pressões, internas e externas, ofusquem seu amor pelas almas e o desejo fervente de vê-las preparadas para a vinda do Senhor. ❧

*“Seja qual for
o chamado que
um homem
pretende ter,
se ele não
foi chamado para
a santidade,
certamente não
foi chamado para
o ministério”*

Confira alguns livros da Casa que deixarão sua igreja mais fortalecida e motivada



O Dom de Profecia no Púlpito

Emilson dos Reis

Contém uma série de 9 sermões que tem como objetivo dar uma clara compreensão do valor do dom profético para a igreja, através de Ellen White.

Chegou a hora de estudar e ensinar aquilo que Deus nos revelou.

Cód. 7955 – Páginas: 128

Formato: 13,7 x 20 cm



Rumo ao Futuro

Jere D. Patzer

O objetivo do autor é dar visão clara e inspiração aos líderes, para que desenvolvam o senso de missão e se capacitem para dirigir a igreja.

Livro repleto de conselhos práticos e estratégias muito úteis para líderes em qualquer esfera da igreja.

Cód. 8149 – Páginas: 123

Formato: 14 x 21 cm



Como Reavivar a Igreja do Século 21

Russell Burrill

Este livro analisa a necessidade urgente de recuperar o senso de comunidade através de grupos relacionais.

É um apelo enraizado na experiência inicial do cristianismo e do adventismo para transformar os pequenos grupos no princípio organizador da igreja.

Cód. 8703 – Páginas: 176

Formato: 13,7 x 20 cm

Adquira
hoje mesmo!

Para adquirir, ligue: **0800-9790606***, acesse: www.cpb.com.br, faça seu pedido no **SELS** de sua Associação ou dirija-se a uma das **Lojas da CASA**.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

